2010000597

Do Índio aos Arcos um olhar artemidiático



Claudia Garrocini

Acompanha
Fita de
Vídeo e DVD

Universidade Estadual Paulista - UNESP
Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes
Dissertação de Mestrado, 2005

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

INSTITUTO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – MESTRADO

Do Índio aos Arcos – um olhar artemidiático.

Claudia Garrocini

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNESP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes sob a orientação do Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP
BIBLIOTECA

São Paulo
2005

GARROCINI, Claudia.

Do Índio aos Arcos – um olhar artemidiático./

Claudia Garrocini – São Paulo, SP, 2005.

Orientador: Pelópidas Cypriano de Oliveira

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista

Instituto de Artes

Mestrado em Artes

1. Artemídia. 2. Arte Pública. 3. Avenida Paulista.

Aos meus avós Leonel e Eurides

Pela fé, força e principalmente pelo amor...

AGRADECIMENTOS:

Aos meus pais, pela vida e pela educação;

Aos amigos, pela paciência e apoio;

Aos colegas pela, troca;

Aos professores, pela luz;

Aos funcionários pela atenção, e

A Deus pelo milagre da vida.

RESUMO

O presente Relatório Circunstanciado consiste no levantamento das obras de Arte Pública da Avenida Paulista e na releitura audiovisual destas obras, através do estudo de efeitos de captação e edição de imagens.

Apresentado como Trabalho Equivalente, tem como parte integrante um DVD com obra de aproximadamente 24 minutos.

Do Índio aos Arcos - um olhar artemidiático é a proposta de um olhar diferenciado, uma apreciação cinética, relatada quadro a quadro neste trabalho, onde faço minhas considerações sobre as obras e os efeitos utilizados na construção da peça fílmica.

ABSTRACT

The actual work consists in the survey of the pieces of Public Art from Avenida Paulista and in another vision of these pieces, through studies of capturing effects and image editing.

Presented as a Side Work, includes a DVD with approximately 24 minutes.

Do Índio aos Arcos – an art/sound/ vision view is another sight proposal, a cinetic appreciation, displayed frame by frame in this work, where I make my own considerations about these art pieces to make use of filmic building.

SUMÁRIO

Introdução	07
1. Trabalho Equivalente	16
1.1. A Equipe	17
1.2. As Fotos	21
1.3. Mapas	101
1.4. O Filme	106
1.5. Decupagem do Filme	116
1.6. Decupagem dos Vídeos de 10 segundos	122
2. O Olhar do Artista	138
2.1. Almeida Salles - Cinema, técnica ou Arte?	141
2.2. Um Homem com uma Câmera – Dziga Vertov	144

2.3. Cinema Paradiso – Giuseppe Tornatore 145

2.4. Janela da Alma – João Jardim 148

3. Um Pouco de Arte Pública 152

3.1. Projeto: A Paulista na Paulista 152

4. Leitura Técnica 169

4.1. Fusão 170

4.2. Solarização 171

4.3. Inversão de Cores 172

4.4. Close-up 173

4.5. Story- Boards 174

Conclusão 185

Bibliografia 188

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em apresentar uma leitura audiovisual, cinética, n-dimensional de obras-de-arte públicas instaladas na Avenida Paulista na cidade de São Paulo. Avenida Paulista é símbolo da cidade de São Paulo, nela estão grandes bancos e empresas públicas e privadas, gerando grande circulação de pessoas, que buscam variados fins, e fazendo da avenida uma das principais vias da cidade. Palco de um acervo considerável de arte pública.

Composto por duas peças fundamentais o trabalho utiliza um recurso previsto no regulamento, mas que ainda não foi consolidado: O Trabalho Equivalente. A proposta de trabalho equivalente apresenta a possibilidade de realização prática, seguida de uma reflexão sobre a obra construída.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Neste trabalho, apresento uma peça audiovisual, captada e editada em mini DV e descarregada em mídia DVD, sem navegação, com 24 minutos de duração, intitulado "Do índio aos arcos", e um Relatório Circunstanciado que trata da reflexão dos processos e procedimentos artísticos utilizados no decorrer da realização da obra fílmica.

A importância de se discutir dessa forma este tema reside no fato de estarmos num Programa de Mestrado em Artes Visuais na linha de pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos, utilizando o Trabalho Equivalente, mais adequado a esse propósito do que uma tradicional Dissertação de Mestrado.

O objetivo deste trabalho é demonstrar que o próprio vídeo realizado é em si uma obra-de-arte, pois contém grande parte de estesia ao apresentar os conteúdos sobre as obras-de-arte públicas. Propõe uma releitura das obras, utilizando recursos de efeitos visuais tanto na captação como na edição das imagens. Para isso, tomei a postura de artista e passo a descrever os processos e procedimentos para tanto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Durante o curso das disciplinas me perdi entre as obras da avenida Paulista. Na bagagem, minha pesquisa de efeitos e cromaticidade, movimento e luz.

Primeiro a intenção de realizar um filme que fosse capaz de conter uma proposta de arte, e que fosse elaborado num processo acadêmico de experimentação e expressão artística. O filme que eu idealizara não era apenas um retrato de arte, mas uma releitura que proporciona ao espectador, compartilhar da ruptura de planos comuns aos que apenas passam pela avenida, sem deter-se na contemplação, na observação de possibilidades de enquadramentos e ângulos da obra de arte disponível constantemente ao público.

Depois, a experimentação de massas e cores na edição de um filme. O trabalho de compor uma montagem, a ordenação e seqüência que me levariam a refletir a captação das imagens, de todas as massas e cores que poderia compor a tela visível a que se referia Arlindo Machado, come se fosse pintura, uma pintura cinética.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

O desafio de pesquisar as possibilidades artemidiáticas das imagens das obras dispostas em aproximadamente três quilômetros e que iniciava com a escultura de um índio e seguia por várias obras até chegar num emaranhado de arcos coloridos e gigantes. O índio pescador é uma escultura clássica, uma das primeiras obras instaladas na avenida; os arcos, uma das últimas instalações em 1991, de alumínio extrudado, na época um material recém desenvolvido para a arquitetura.

A evolução da pesquisa nesse período proporcionou um vasto material iconográfico, imagético e cinético que devem constar de um relatório circunstanciado para um trabalho de dissertação equivalente, sobre a produção de uma peça de arte. Uma obra que apresente o resultado de uma pesquisa, de dados catalogados na descrição dos processos e procedimentos utilizados pelo artista na composição da peça final. Nesse trabalho, não importam necessariamente as normas, mas o formato da apresentação. Um método que viabilize a expressão de arte na sua multiplicidade de formatos para que a visualização desse trabalho mantenha a simbologia e a relevância dada pelo criador.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Criei um roteiro que se alterou a cada experimentação e que me mostrou uma gama de caminhos que poderia trilhar na composição do filme. No começo da pesquisa, o filme era apenas uma catalogação das obras estritamente públicas da avenida Paulista. Nesse momento o projeto era denominado "A Paulista na Paulista" e era a composição de vídeos de 10 segundos, da maioria das obras totalmente disponíveis ao público, para serem exibidos nos painéis eletrônicos da própria avenida. Na montagem desse vídeo que resultou num curta-metragem de aproximadamente três minutos, com trilha sonora contemporânea, acústica, que define um pouco da cadência das imagens. Esse primeiro protótipo foi exibido na mostra de curtas da Aliança Francesa em 2003, e recentemente foi selecionado para o festival internacional de curtas do Rio de Janeiro. Essa seleção me deu nova inspiração para concluir o protótipo de 30 minutos, com entrevista e locução sobre a avenida e sua história, sobre as obras e suas singularidades poéticas e visuais. Foi uma sensação de que o vídeo de arte, com caráter de documento, que pode transportar

unesp

conhecimento de uma forma que o leque de particularidades das obras e do local de instalação não percam a beleza ou o sentido, para quem vive distante ou não tem o referencial para reflexão e análise.

Senti a necessidade de discutir os aspectos artísticos dos processos de pesquisa e posteriormente representação gráfica que as informações sobre a pesquisa realizada deverão apresentar, no sentido de se proporcione ao futuro leitor desse trabalho de conclusão de mestrado uma visualidade que comprove e ilustre os tópicos do levantamento de informações e experimentações que realizei durante os últimos dois anos. É preciso garantir, mesmo mantendo as proporções, que o pesquisador perpetue sua obra, sua releitura no campo das artes visuais, para que as sensações possam manter-se vivas nos formatos possíveis de se encontrar, para que ainda o futuro pesquisador, possa escolher a mídia que utilizará para a absorção e contemplação do trabalho. É importante que se reflita sobre os formatos engessados que estamos trabalhando as dissertações de mestrado, para alguns temas a serem pesquisados e abordados pelos alunos é até plausível que se utilize normas técnicas de representação gráfica, mas em



determinados trabalhos, essa formatação pode inclusive prejudicar a expressão do aluno. Já que trata como anexo toda a imagem que se tenha produzido. Ora, se estamos falando de imagens específicas, captadas durante a pesquisa, é importante para o leitor que ela esteja disposta em ordem, conforme se escreve as reflexões. Assim o leitor pode seguir sem maiores problemas, as referências que ressalto nessa pesquisa. A linha de pesquisa a que faço parte (processos e procedimentos artísticos), trata de investigar os caminhos que o artista pode percorrer durante sua pesquisa e como formatar a apresentação dos resultados.

Desde o início senti que as possibilidades de utilização de formatos de apresentação dos dados que coleto é diversa. Fiz testes com as fotos em exposição aos alunos que ensino Produção de TV, que invariavelmente terminava com aplausos dos alunos, e em duas exposições senti a curiosidade em identificar o local de instalação da obra.

unesp

Posteriormente trabalhei a exibição do vídeo. As pessoas sentem, na maioria das vezes que o exibi, as possibilidades de alteração do objeto gravado, pelas ilusões de cores, texturas e luz, que a captação e edição de imagens proporciona. Preencher a tela visível que se referia Arlindo Machado, neste caso tem especialmente um sabor de expressão artística, de composição de elementos que resultem em poesias visuais.

Além do feedback dos receptores desta comunicação visual, tenho particularmente a impressão de que o trabalho conversa com as obras de arte que foram estrelas da produção do filme. A alteração de cores e a experimentação do excesso de luz, em alguns momentos exprimem uma espécie de culto à criação de outro artista. Uma resposta em outro tempo, que poderá gerar uma nova argumentação teórica ou visual, num novo trabalho de outro artista.

O trabalho equivalente é resultado de um fazer e de um pesquisar artístico que se apresenta num formato fílmico de curta metragem. Com pouco mais que 24 minutos, o filme é leitura, técnica, expressão e

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

arte, audiovisual n dimensional cinética, que impõe sua leitura visual atenta, do começo ao fim, como se estivesse seguindo pelos três quilômetros da Avenida Paulista.

1. O TRABALHO EQUIVALENTE

Logo na entrevista de ingresso ao programa de mestrado em Artes Visuais da UNESP, fui orientada para a execução do trabalho equivalente, já que a proposta de pesquisa tinha como objetivo final a apresentação de um filme.

O trabalho de composição do filme era determinado não apenas pelas técnicas de produção, mas pela reflexão sobre a realização.

Não se trata, portanto, apenas do trabalho de realizadora, mas de uma realização cinética resultado de pesquisa e que contém elementos de experimentação, compondo uma obra de arte a partir de releitura das obras espalhadas pela avenida.

O filme tem um forte caráter artístico que pode inclusive ser material de apoio didático para professores de arte.

1.1. A EQUIPE

A produção de obra cinética, tanto para TV como para o Cinema, tende a ser um trabalho de equipe. Mesmo que o realizador assuma mais de uma função no trabalho, não é possível que o faça sozinho. As pessoas envolvidas nesse trabalho, em sua maioria, trabalham com o referencial acadêmico e possibilitaram a ampliação da reflexão sobre os elementos da linguagem videográfica e cinematográfica, que compõem esta obra.

Foi bastante enriquecedor desenvolver junto aos colegas da equipe, o trabalho de reflexão sobre minha proposta fílmica. Senti como se estivesse contagiando as pessoas com meus questionamentos, e durante o trabalho percebemos a infinidade de materiais que poderiam surgir deste filme.

É uma pesquisa que não se esgota. Que pode lidar com micros e macros de informações visuais, com unidades e com composições de seqüências de imagens.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

A colaboração destes profissionais fez com que a boa qualidade do trabalho fosse premissa. Isso me ajudou tanto na execução quanto na reflexão sobre a obra. São estes profissionais:

Alan Davis, fotógrafo.

Fez todo o trabalho de laboratório: da revelação dos negativos às ampliações em 20cmX15cm das fotos em P&B.

Colaborou na discussão sobre a utilização do fotômetro mecânico.

Ana Lima, capista.

Mestranda do Programa de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNESP.

Redesenhou o mapa da avenida com minhas fotos em P&B.

Propôs duas novas versões do mapa.

unesp

Criou a capa do relatório circunstanciado.

Paulo Teles, doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC.

Mestre em Multimeios pela UNICAMP.

Edição em After Effects e Adobe Premiere.

Realizou minha expectativa de animação do mapa com inserts dos vídeos de 10"

Marcio Rinaldi, designer.

Mestrando do Programa de Mestrado em Artes do Instituto de Artes da UNESP.

Fez a pesquisa de letreiro do filme.

Vitor Costa, publicitário e designer gráfico.

Lato Sensu História da Arte e Cultura Contemporânea do Instituto de Artes da UNESP

Compôs as fotos em Corel Draw para o relatório circunstanciado.

Criou os cartazes do filme, utilizando a idéia que eu tinha sobre representação icônica da obra.

Marcelo Caldeira, radialista.

Coordenador do Curso de Radialismo das Faculdades Oswaldo Cruz.

Liderou a equipe de captação de imagens acompanhando a equipe, e a edição dessas imagens em Final Cut.

unesp

1.2. AS FOTOS

Conforme o texto de Vilém Flusser (1985): A FILOSOFIA DA CAIXA PRETA: O aparelho não é um instrumento no sentido tradicional, já que permite um conhecimento mais aprofundado de suas funções e como melhor utilizá-las. O operador deve esgotar as possibilidades de sua manipulação, mesmo sendo ideal que o aparelho tenha mais potencialidade a fim de exceder à capacidade do operador esgotá-las. Portanto, dominar o aparelho não significa saber o que se passa no interior de sua caixa.

O que vale, portanto, não é quem possui o aparelho, mas quem é capaz de esgotar suas possibilidades. Conseguir o simbólico, o verdadeiro sentido de transvalorização de valores que ignoram o objeto, e ressaltando o símbolo que ele vale.

"Trata-se de um brinquedo complexo; tão complexo que não poderá jamais ser esclarecido" São caixas pretas que simulam o pensamento humano e permutam símbolos contidos em sua memória".

Decifrar fotografias implica em decifrar as condições culturais dribladas. O fotógrafo não pode fotografar processos. O aparelho transcodifica o que está em cena para magicizar tudo. A manipulação do aparelho é gesto técnico que articula conceitos, e que obrigam o fotógrafo a transcodificar suas intenções em conceitos, antes de transcodificá-la em imagens. Fotografias são, portanto, imagens de conceito. No cinema e no vídeo, a alteração se dá pelo movimento, já que a ilusão faz com que, a cada segundo, fragmentos do filme sejam transformados em unidade imagética.



ÍNDIO PESCADOR
Leopoldo e Silva
Escultura em Bronze
Praça Oswaldo Cruz
1940

unesp

PINTURA MURAL EM EMPENA CEGA
Hugues Desmazieres
1995
Praça Oswaldo Cruz



MURAL

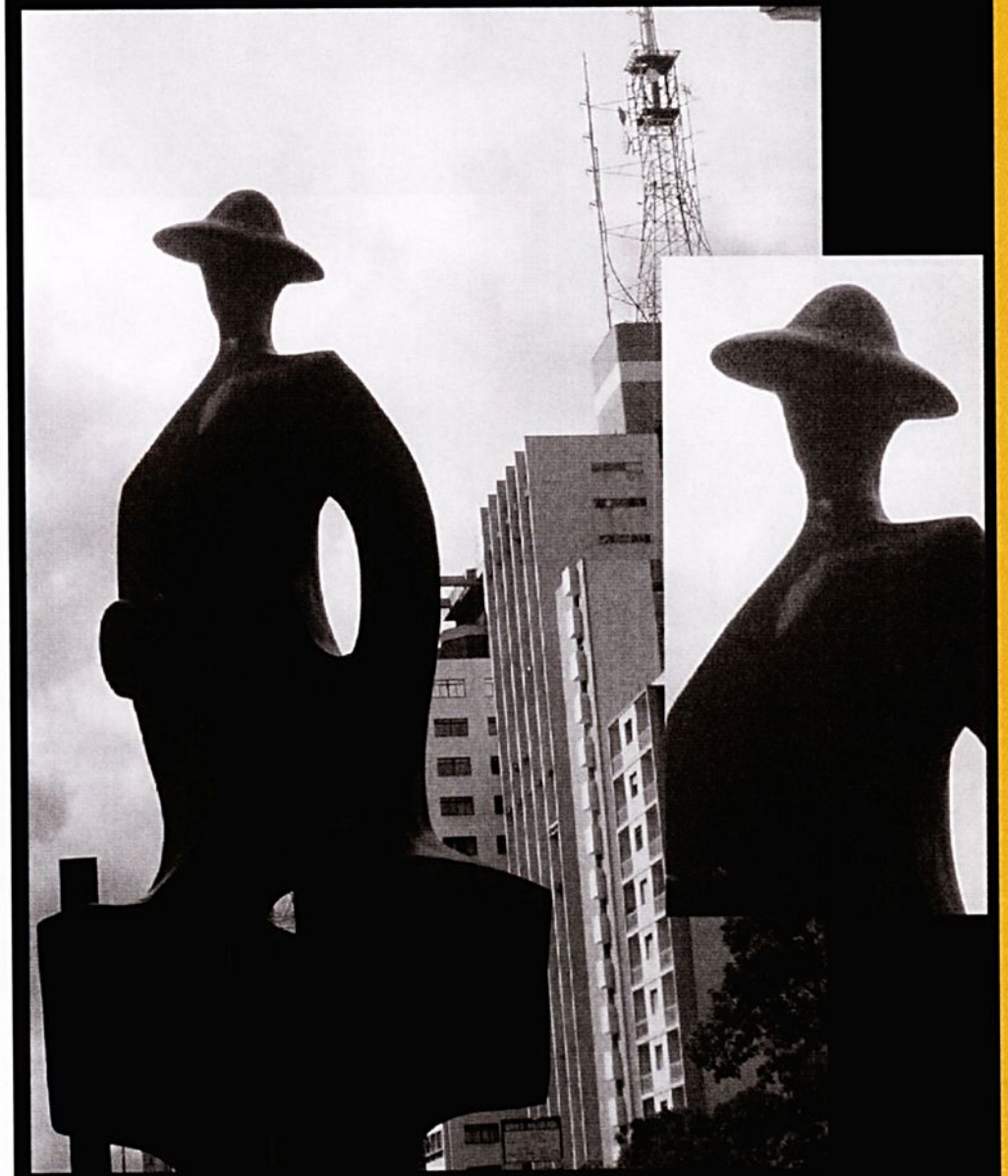
unesp

CASA DAS ROSAS



CASA DAS ROSAS
Ramos de Azevedo
Construção concluída em 1935
Tombada em 1985
Avenida Paulista, 37

unesp



CAIXFIRO

O CAIXEIRO
Domenico Calabrone
Escultura em Bronze
1991
Avenida Paulista, 119

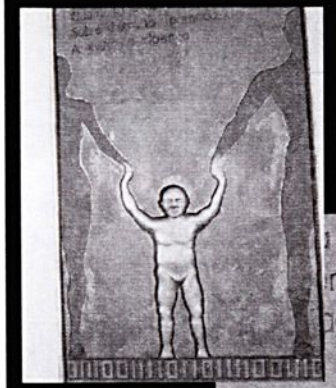
unesp

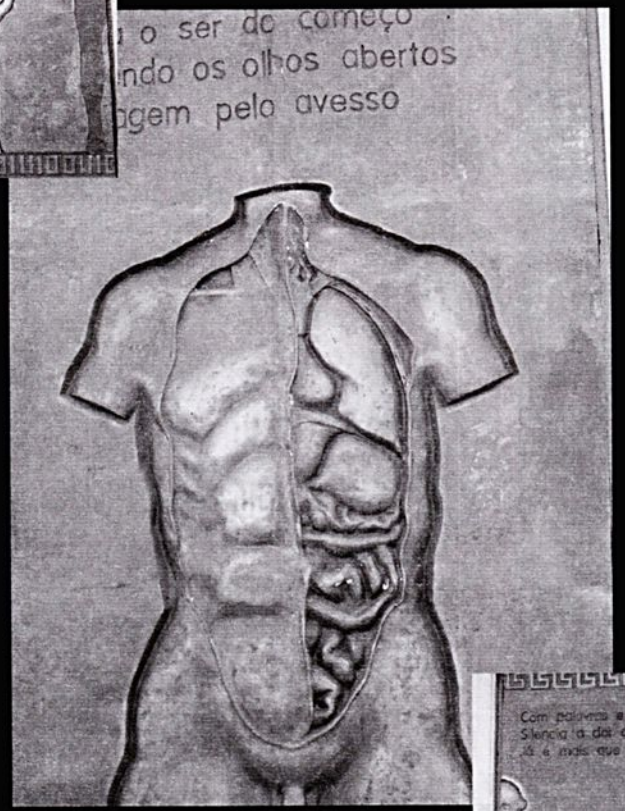
ARQUITETURA

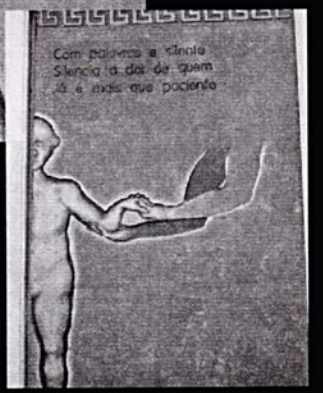


HOSPITAL SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA
Fundado em 1906
Capela fundada em 1920
Avenida Paulista,200

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27





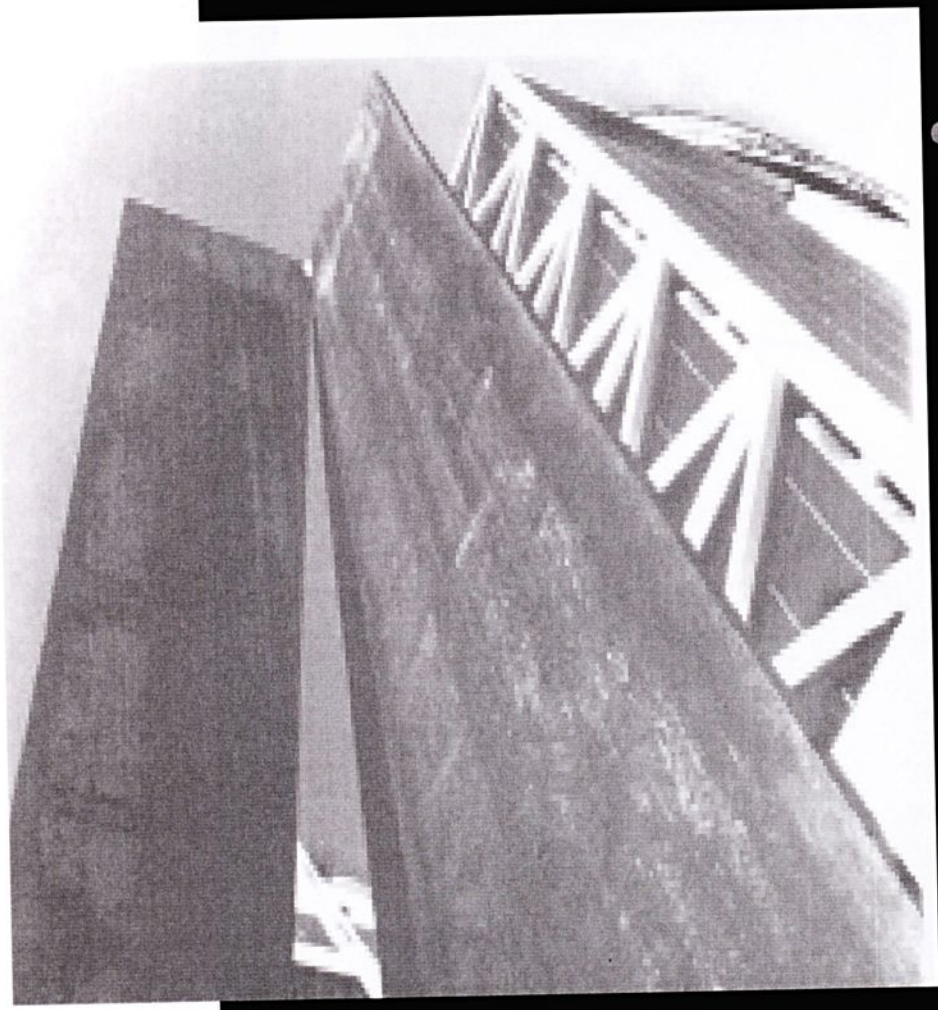


PAINÉIS

PAINEL HISTÓRIA DA MEDICINA
Relevo em bronze
Marco Ulgheri
Anexo à fachada do Hospital Santa Catarina
2001
Avenida Paulista, 200

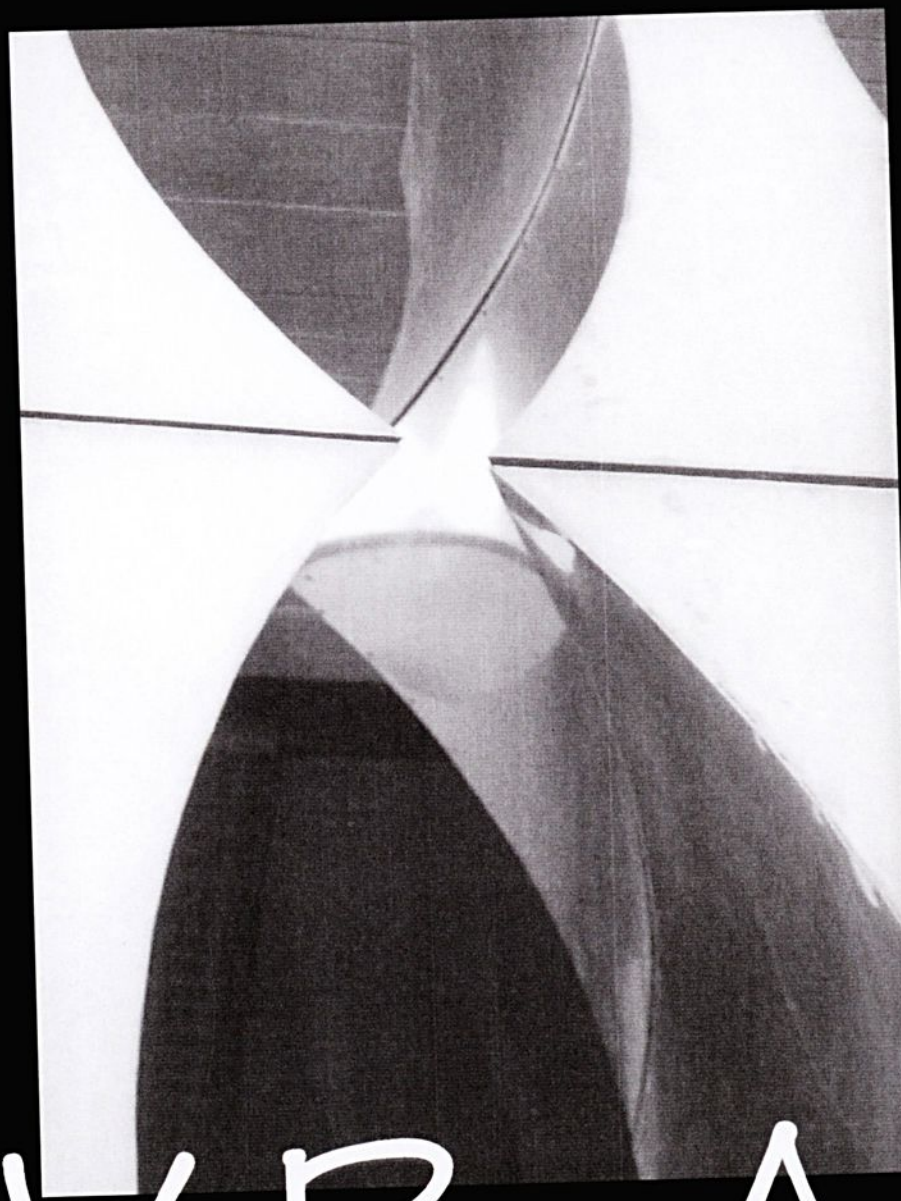
cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

OBRA



OBRA SEM TÍTULO
Amilcar de Castro
Escultura em aço cor ten
1997
Avenida Paulista, 149

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

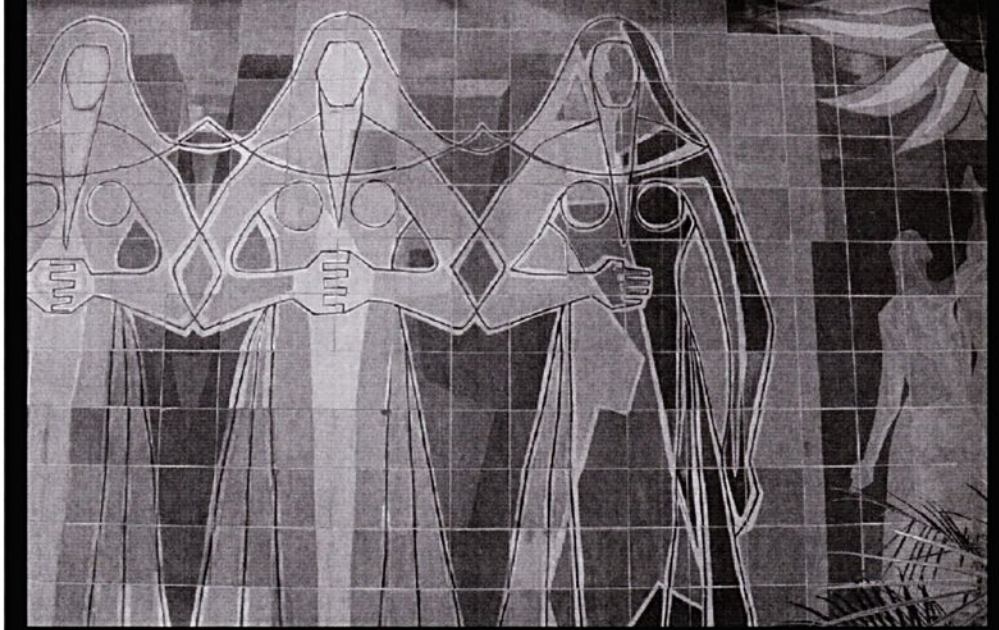


VIBRA

ESPAÇO VIBRAÇÃO
Yutaka Toyota
Escultura em aço escovado
Avenida Paulista, 402

unesp

ALABARDA



ALABARDA
Clóvis Graciano
Painel em azulejo policromado
1959
Avenida Paulista,648

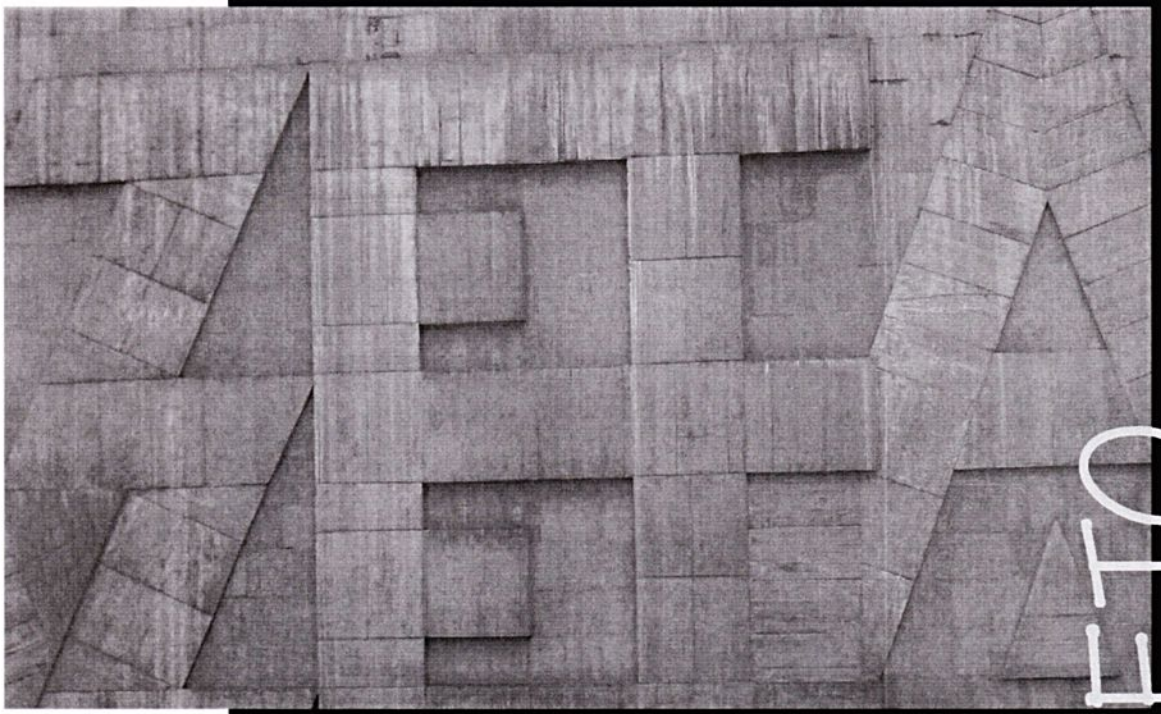
cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27



TIRAS

TIRAS
Franz Weissmann
Escultura em ferro monocromático
1970
Avenida Paulista, 460

unesp



CONCRETO

RELEVO EM CONCRETO
anexo à Fachada do edifício Cásper Líbero
Figueiredo Ferraz
1963
Avenida Paulista, 920

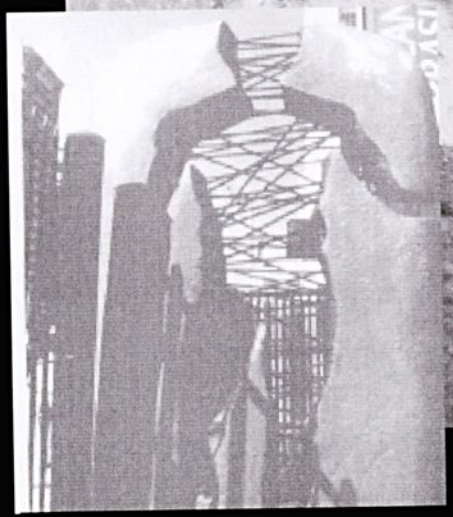
unesp

HOMEM ARAMADO
Autor Desconhecido
Escultura em Concreto
Com estrutura em ferro aparente
Avenida Paulista, 293/295



HOMEM

ARAMADO

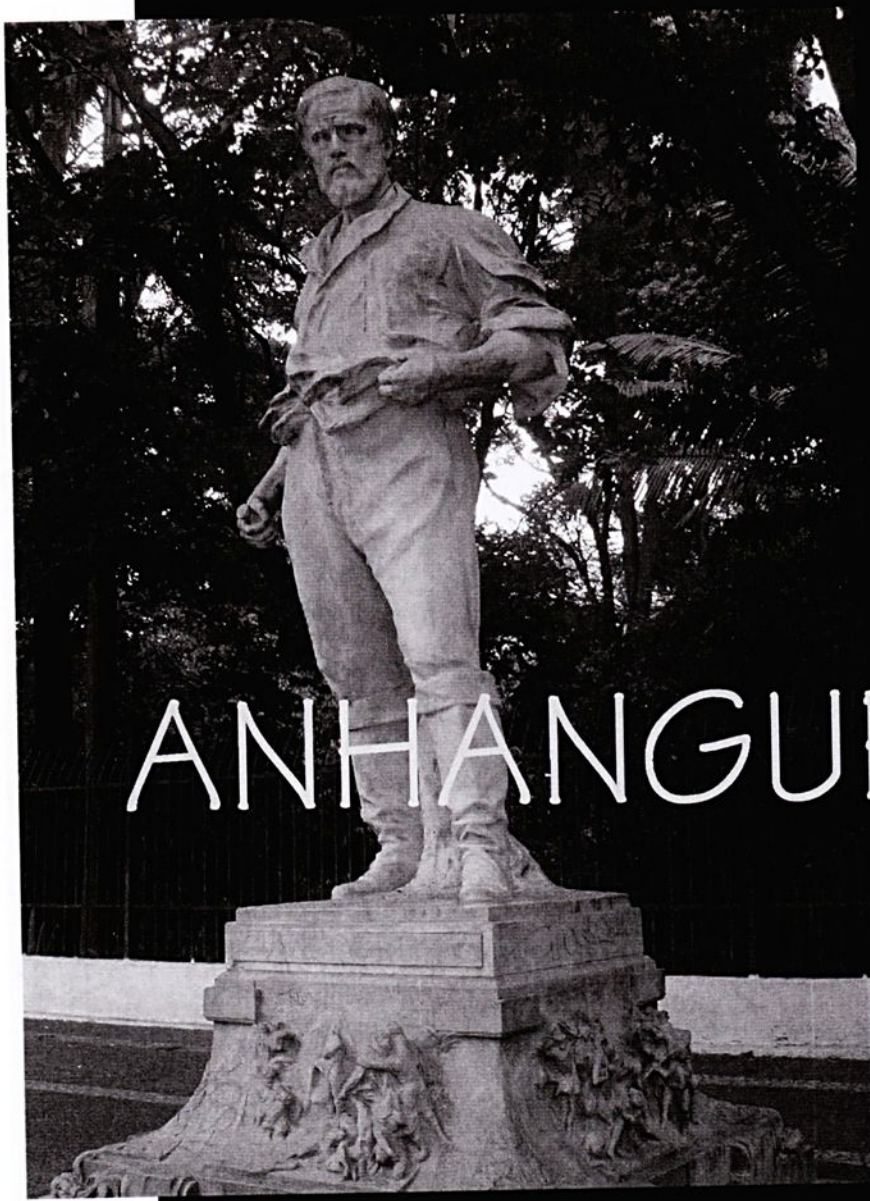


unesp



O GRANDE MEGATÉRIO
Domenico Calabrone
Escultura em pedra
1978
Avenida Paulista, 1345

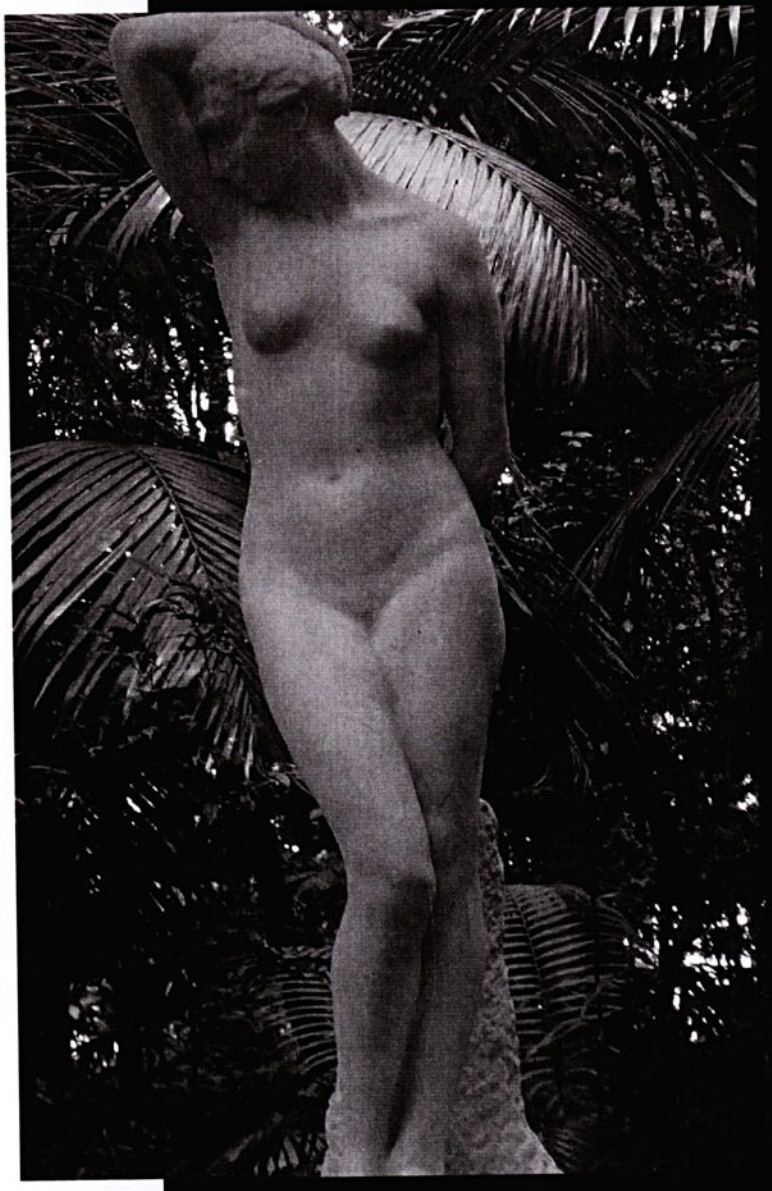
unesp



ANHANGUERA
Luiggi Brizzolara
Escultura em Mármore
1924
Parque Tenente Siqueira Campos

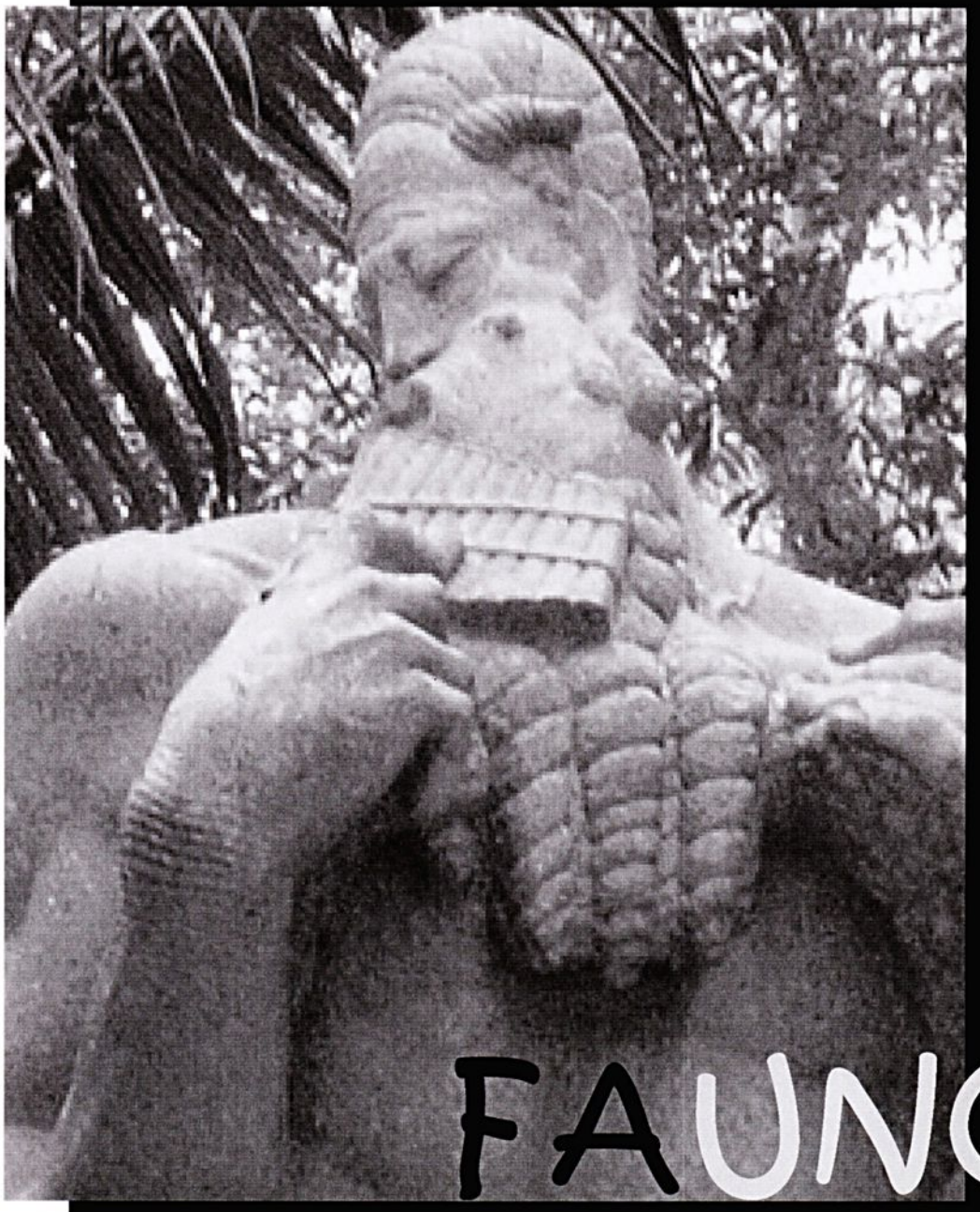
unesp

ARETUZA

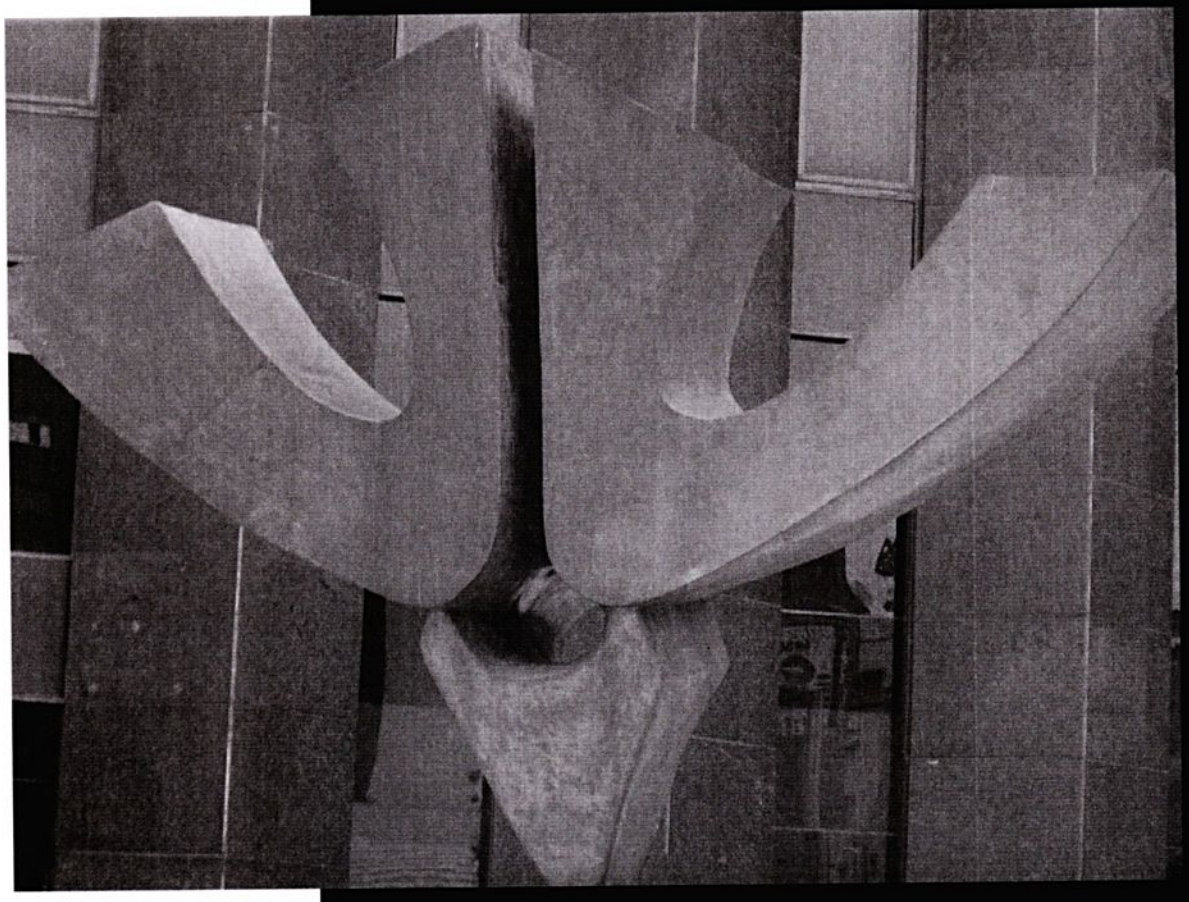


ARETUZA
Leopoldo e Silva
Escultura em Mármore
1938
Parque Tenente Siqueira Campos

unesp

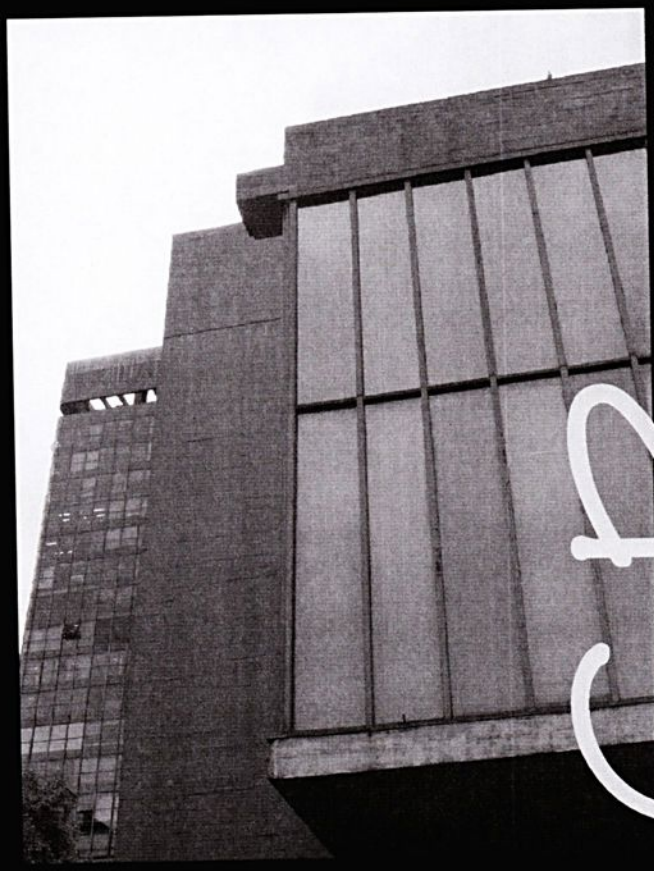


FAUNO
Victor Brecheret
1940
Parque Tenente Siqueira Campos



QUATRO VENTOS
Bruno Giorgi
Escultura em bronze
1940
Avenida Paulista, 1294

VEN4OS



MASP

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO
Lina Bo Bardi
1968
Avenida Paulista, 1578

unesp



CASARÃO
De Joaquim Franco de Mello
construído em 1905
Avenida Paulista, 1919

CASA

RÃO

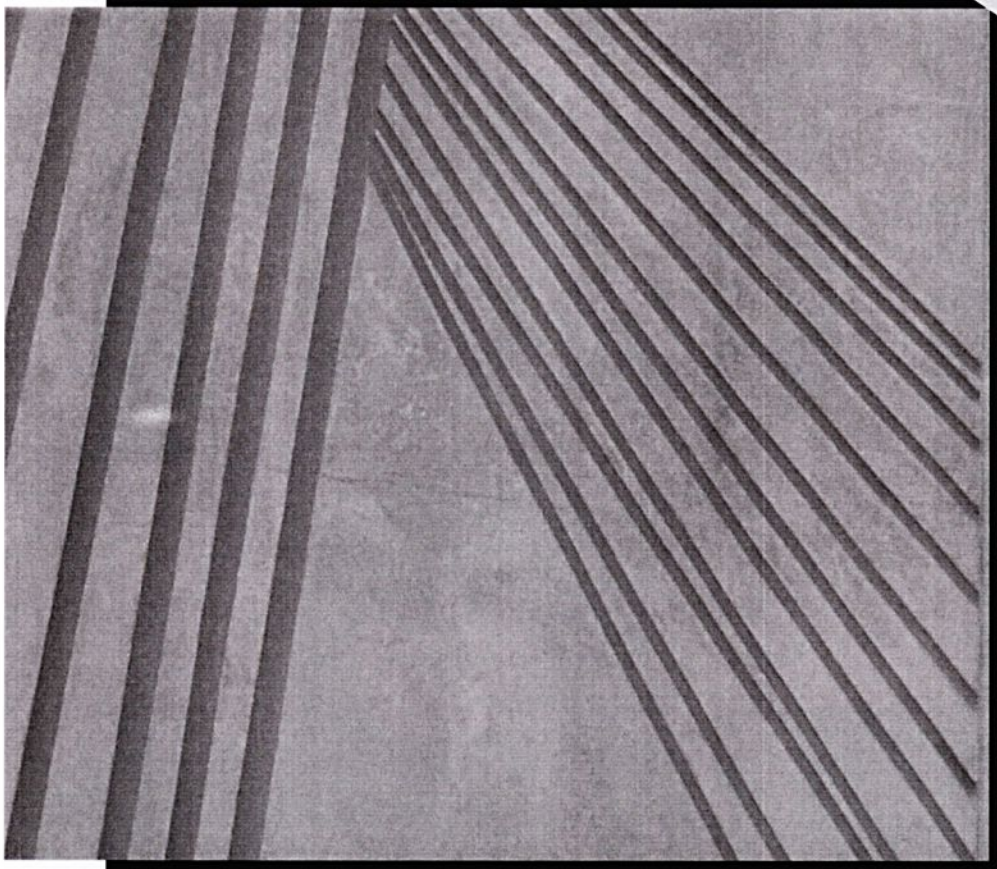


PÁSSARO

ANIMAL PAULISTANO
Liúba Wolf
escultura em bronze
1964
Avenida Paulista, 1754

unesp

OBRA



OBRA SEM TÍTULO
Painel: baixo relevo em concreto
Maria Bonomi
1977
Avenida Paulista, 2381

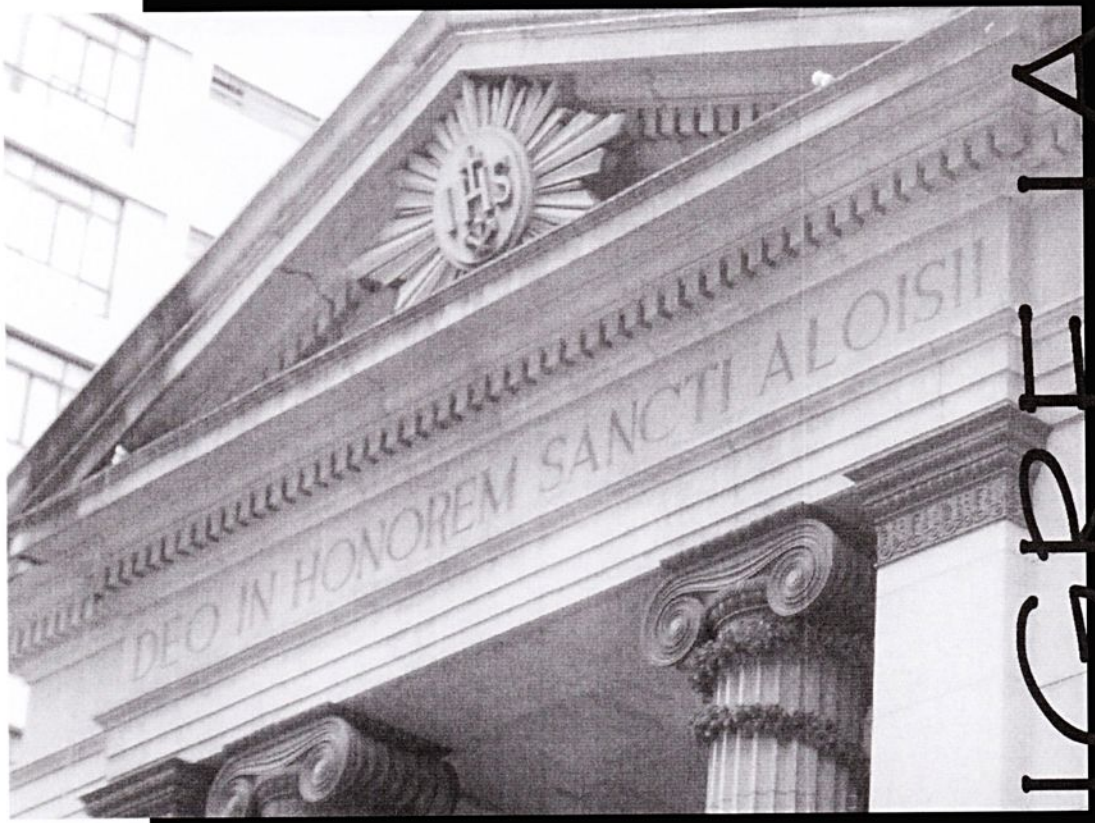
unesp



MONUMENTO A FRANCISCO MIRANDA
L. Gonzales e Carmelo Tabacco
Escultura em Bronze
1926
Canteiro central no final da avenida

MONUMENTO

unesp



IGREJA

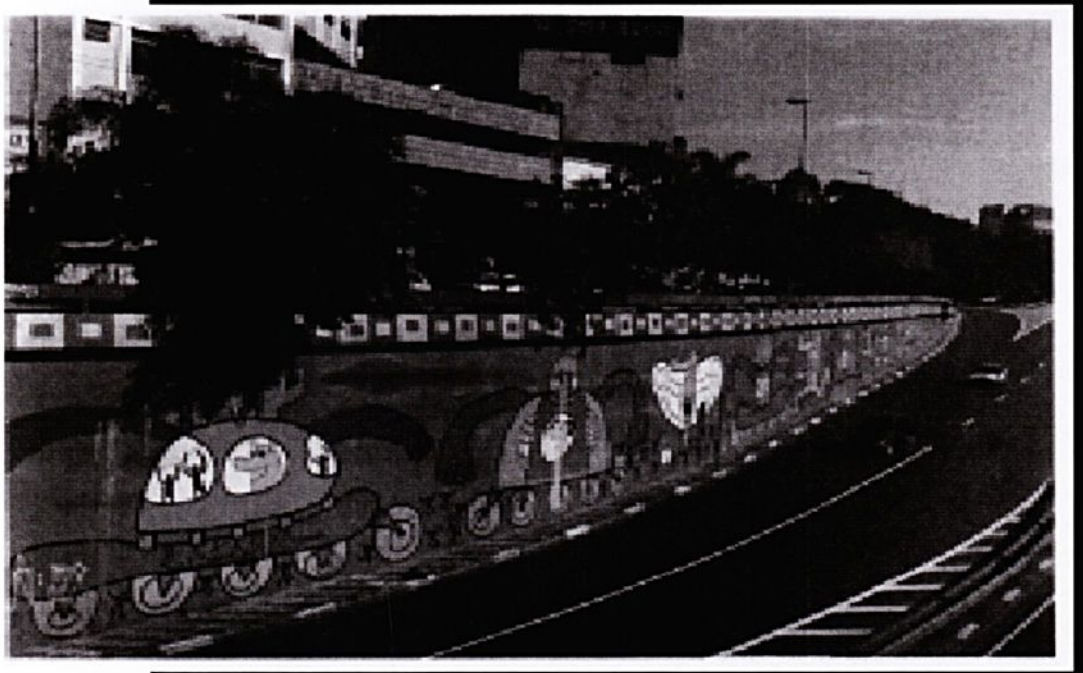
IGREJA DE SÃO LUIZ GONZAGA
Avenida Paulista, 2378

MONUMENTO



MONUMENTO A THOMAS EDSON
João Valente Filho
Painel em cocreto e neon
1979
Praça dos Expedicionários

unesp



GRAFITE

OBRA SEM TÍTULO
Rui Amaral
Grafite
1990
Acesso à Paulista pela Av. Dr. Arnaldo

CAMINHO



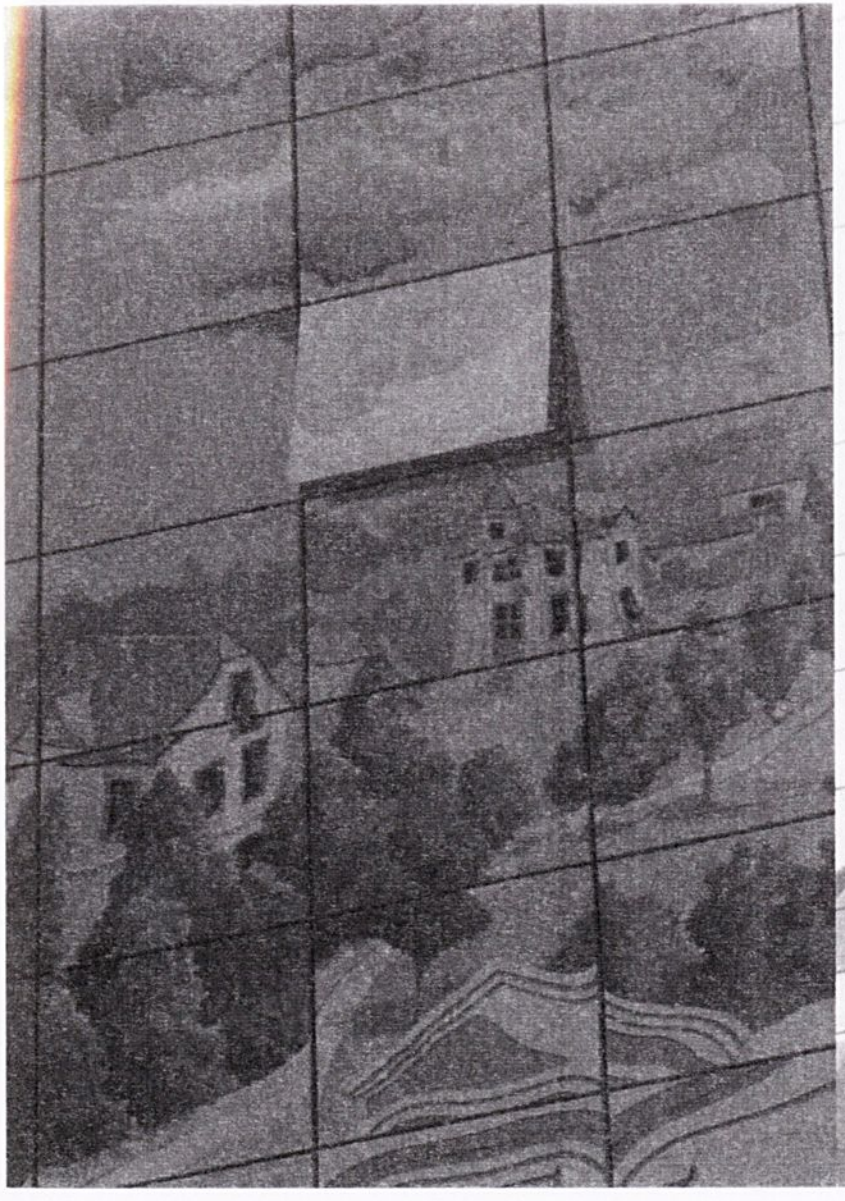
CAMINHO
Lilian Amaral e Jorge Bressane
Tridimensional em alumínio extrudado com pintura eletrostática
1991
Praça Marechal Cordeiro de Farias

unesp



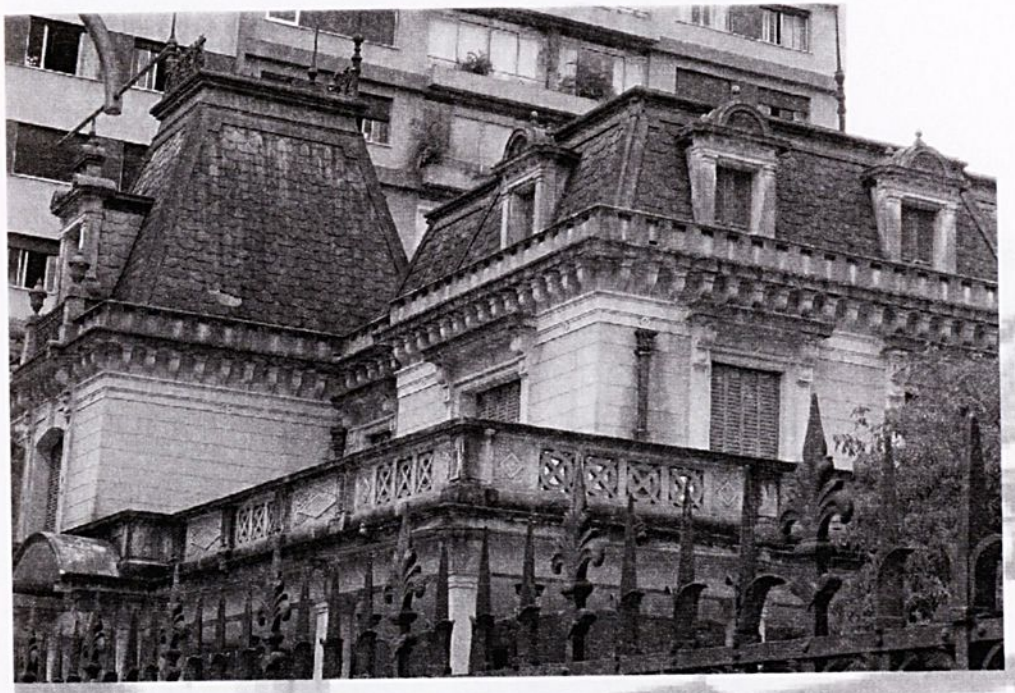
O ÍNDIO PESCADOR

A obra de Leopoldi Silva, planejada para ser instalada no canteiro central da avenida foi deslocada duas vezes, ignorando-se o "site specific" para o qual foi criada. Hoje está instalada na praça Oswaldo Cruz, num seco espelho d'água. A expressão austera do índio demonstra a bravura de seu semblante no ato da pesca. Em sua mão, muito bem talhada, uma lança que vez ou outra foi roubada e posteriormente restituída. O corpo do índio agachado tem uma poesia singular, que retratada em vídeo, assume uma condição de beleza plástica, fazendo com que se repense até a questão indígena nos dias de hoje. Numa outra versão, em fusão constante, o índio trepida na tela em ritmo tão acelerado como a avenida Paulista.



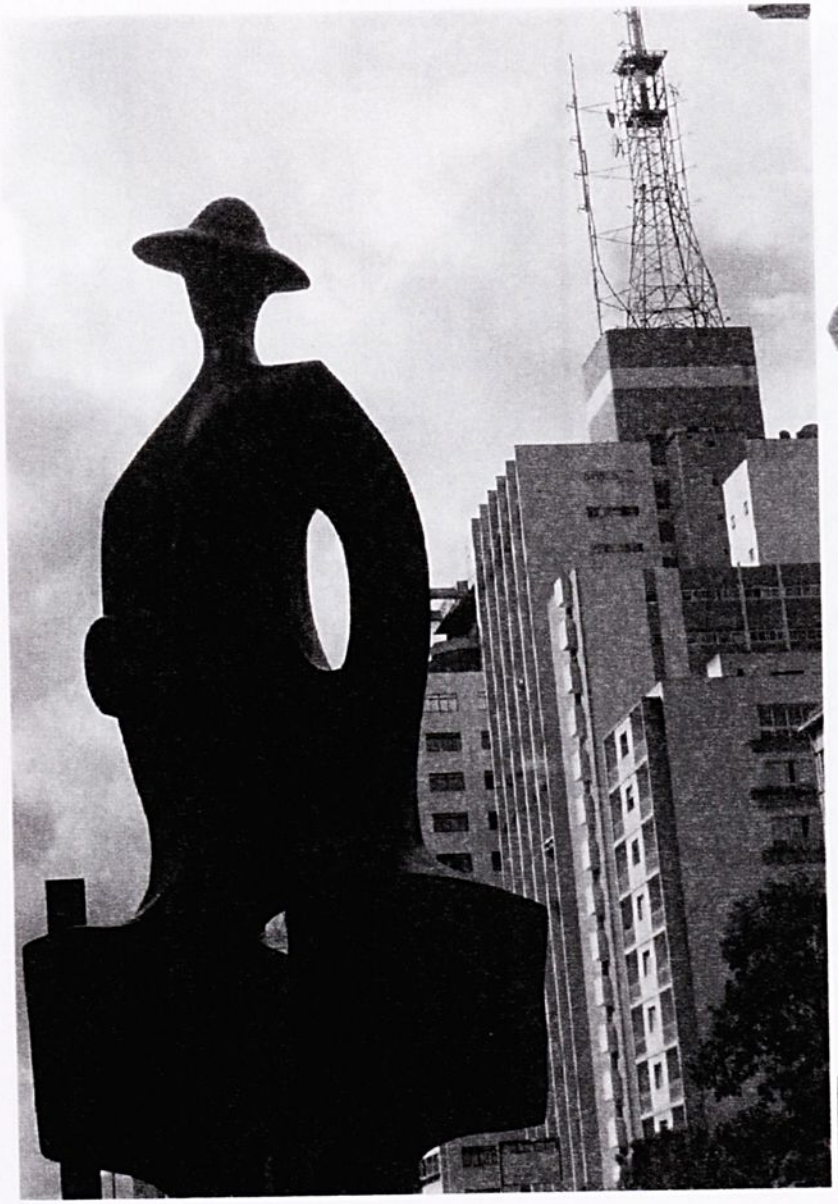
PINTURA MURAL

É uma pintura que dá a impressão de ser de vidro como sugere o artista através do reflexo da Casa das Rosas, que usa o passado e o presente no mesmo projeto. A relação de luz e sombra é bastante precisa, principalmente no detalhe de uma das janelas semi-aberta, além da composição de um pedaço da construção sendo colocada no topo da pintura. Coloca principalmente o olhar da avenida sendo direcionado ao alto para que se possa ter a visão desta obra, pois é preciso que se levante a cabeça para que se possa contempla-la.



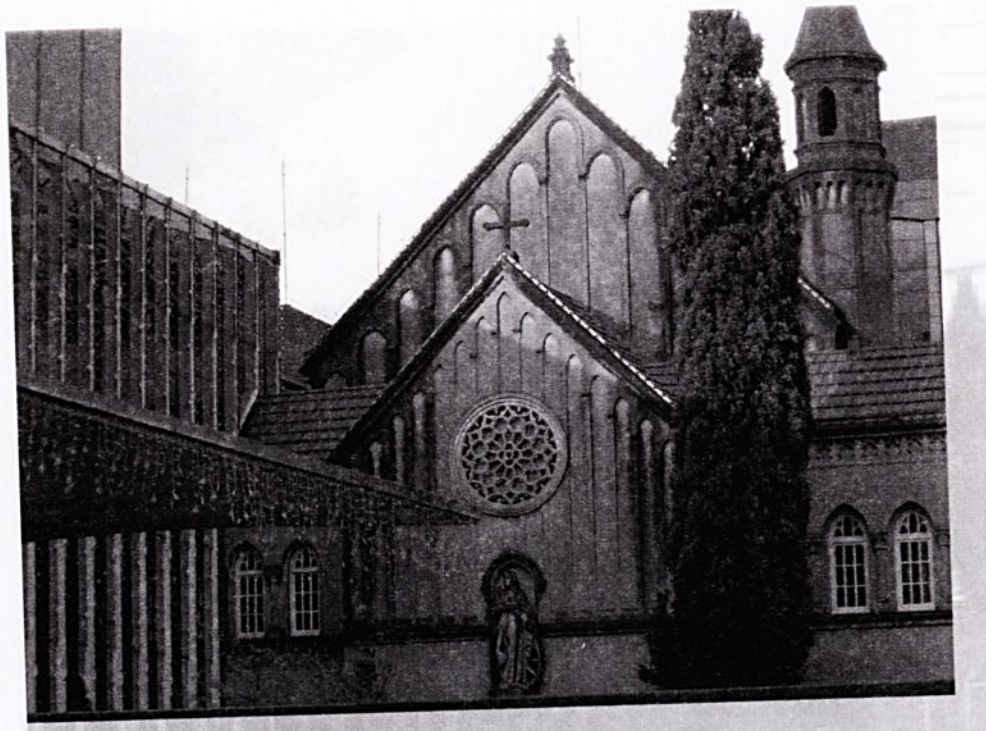
CASA DAS ROSAS

A arquitetura da Casa das Rosas, projeto de Ramos de Azevedo, para ser residência de sua filha, tem em si toda o romantismo que se dissolveu para o suraimento dos grandes prédios que hoje se vê na avenida. O fato de ter se tornado um local de difusão cultural, remonta a sensibilidade do local. O roseiral de seu entorno, quase sempre florido, deixa claro seu nome e condiz com a sutileza de sua exposição. Os transeuntes podem ter se acostumado com sua existência, mas num exercício de apreciação de sua arquitetura, temos a sensação da importância histórica que sua conservação representa.



O CAIXEIRO

A obra é pequena e tem proporções questionadas por alguns artistas.Em frente ao prédio do SESC, assume o ar de um transeunte, misturando-se com a paisagem de forma incômoda, com suas grandes malas e pequena cabeça. Talvez numa simbologia pouco representativa, o caixeiro quer ser ícone do trabalhador paulistano. Ao olharmos a escultura de baixo para cima, ela assume uma grandiosidade ímpar.

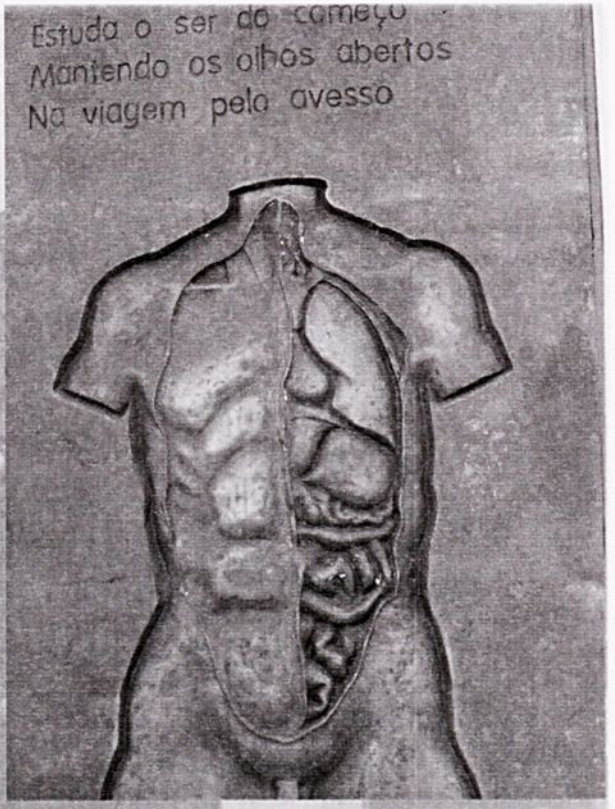


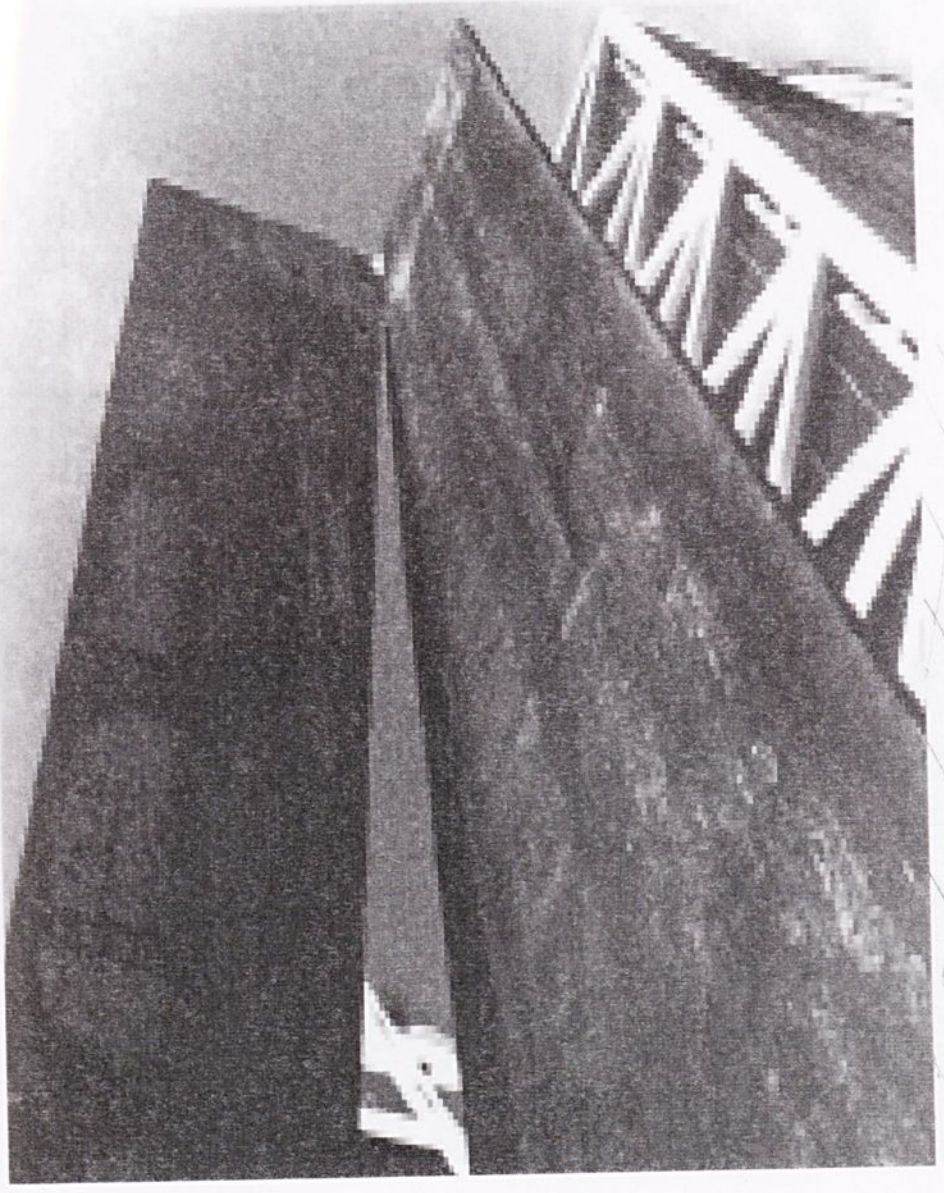
CAPELA ANEXA AO HOSPITAL SANTA CATARINA

A idéia de construir o novo prédio conservando a arquitetura da capela do hospital permite que percebamos que ambas construções conversam harmoniosamente. É uma espécie de fusão temporal onde o velho e o novo coexistem num mesmo espaço, como se a capela tivesse vencido a barreira do esquecimento e tivesse escapado pela lateral do prédio novo.

MURAL DO HOSPITAL SANTA CATARINA

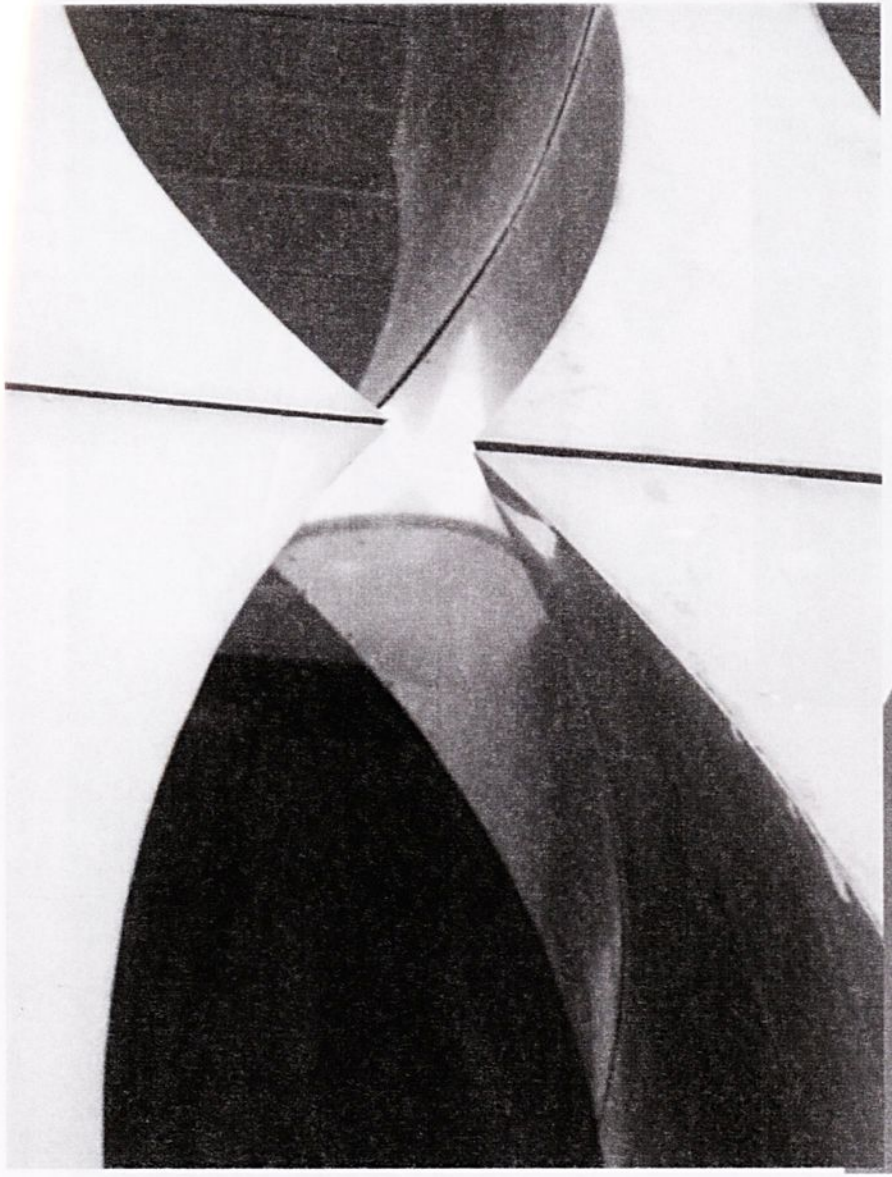
O mural, em bronze, conta à história da medicina em obras de alto e baixo relevo no tamanho exato das antigas janelas mais baixas, como um tapume. O projeto é de Marco Ulgheri, com poesia de Eduardo Cury e fundição de Diego Ortega. É interessante ressaltar que durante o trabalho, muitas pessoas se surpreenderam por não ter notado até o momento o mural. A mesma surpresa se percebe entre os transeuntes da avenida, que mesmo apressados, ao passar pelo mural, não conseguem desviar o olhar da obra.

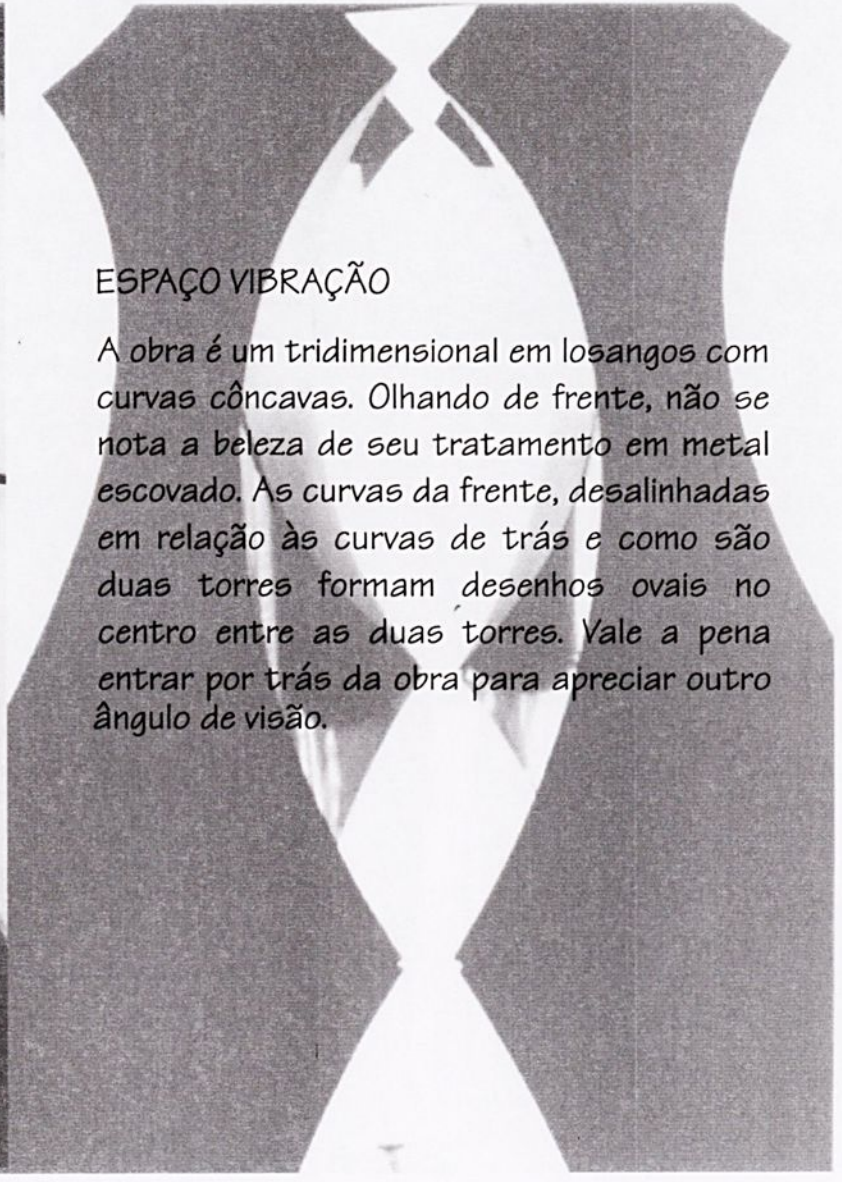




AMILCAR DE CASTRO

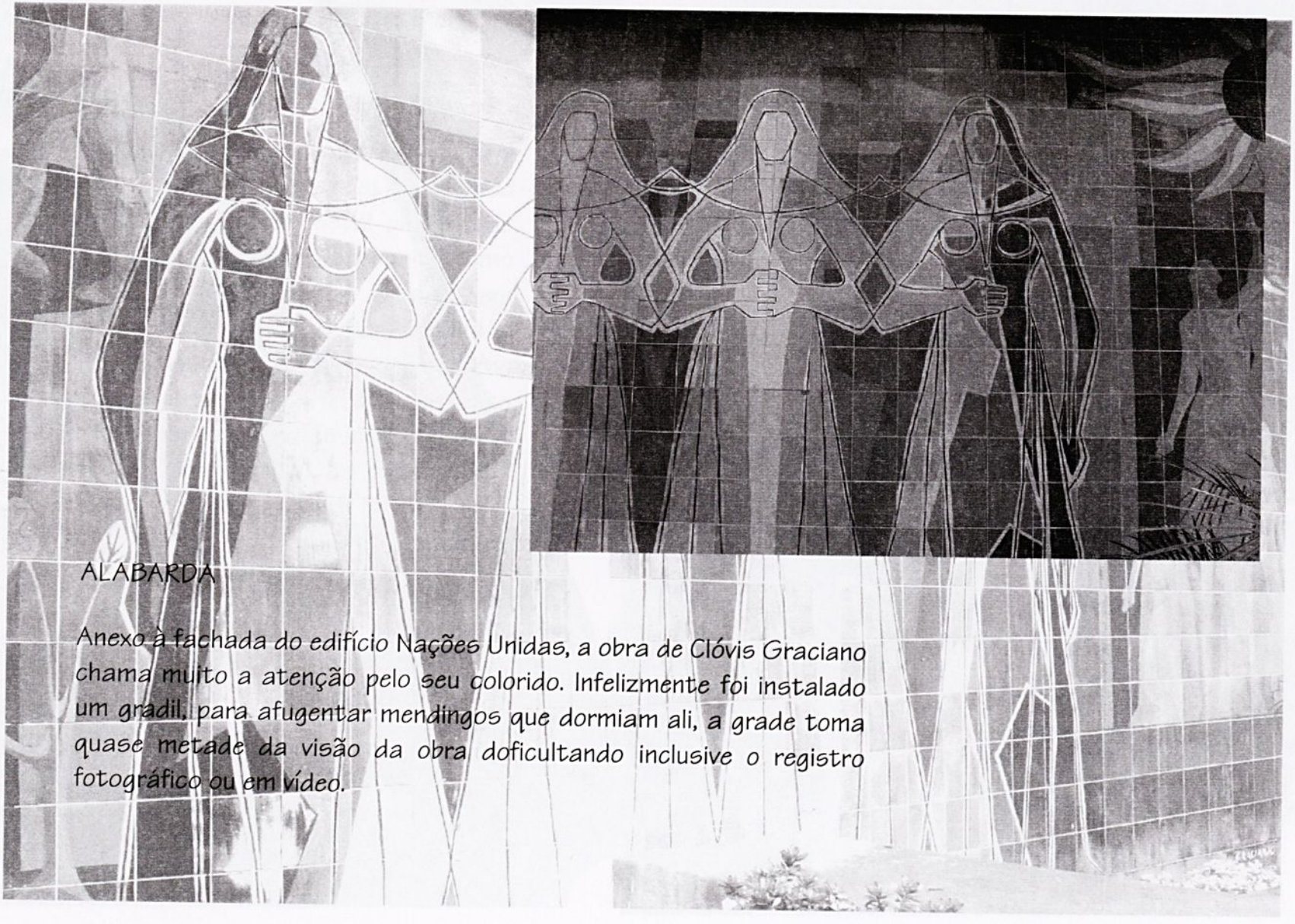
De longe, o tridimensional se confunde com a sinalização da Paulista. De perto as chapas de aço desenham uma passagem incomum, como se fosse um portal. Ao mesmo tempo quando olhamos de baixo para cima a obra assume as formas dos prédios entorno.





ESPAÇO VIBRAÇÃO

A obra é um tridimensional em losangos com curvas côncavas. Olhando de frente, não se nota a beleza de seu tratamento em metal escovado. As curvas da frente, desalinhadas em relação às curvas de trás e como são duas torres formam desenhos ovais no centro entre as duas torres. Vale a pena entrar por trás da obra para apreciar outro ângulo de visão.

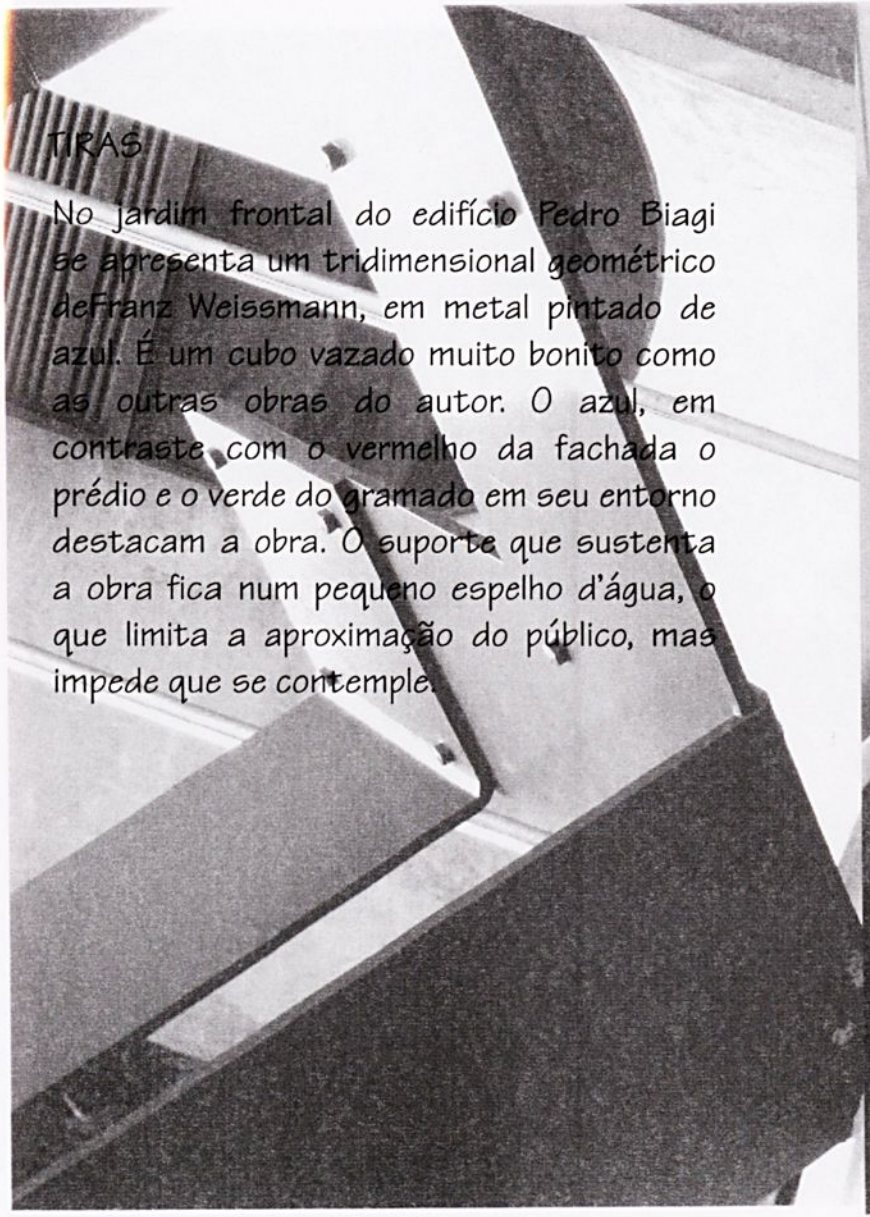


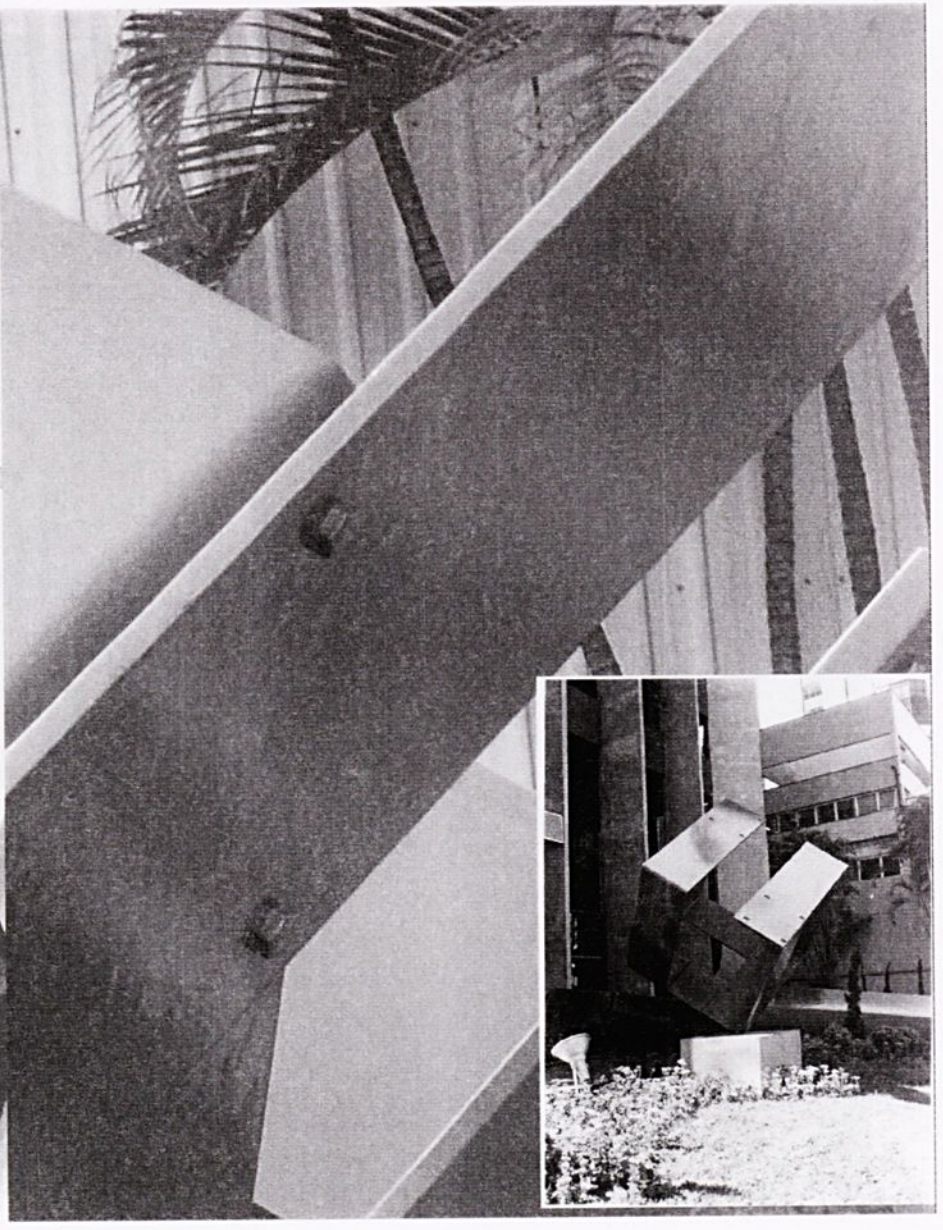
ALABARDA

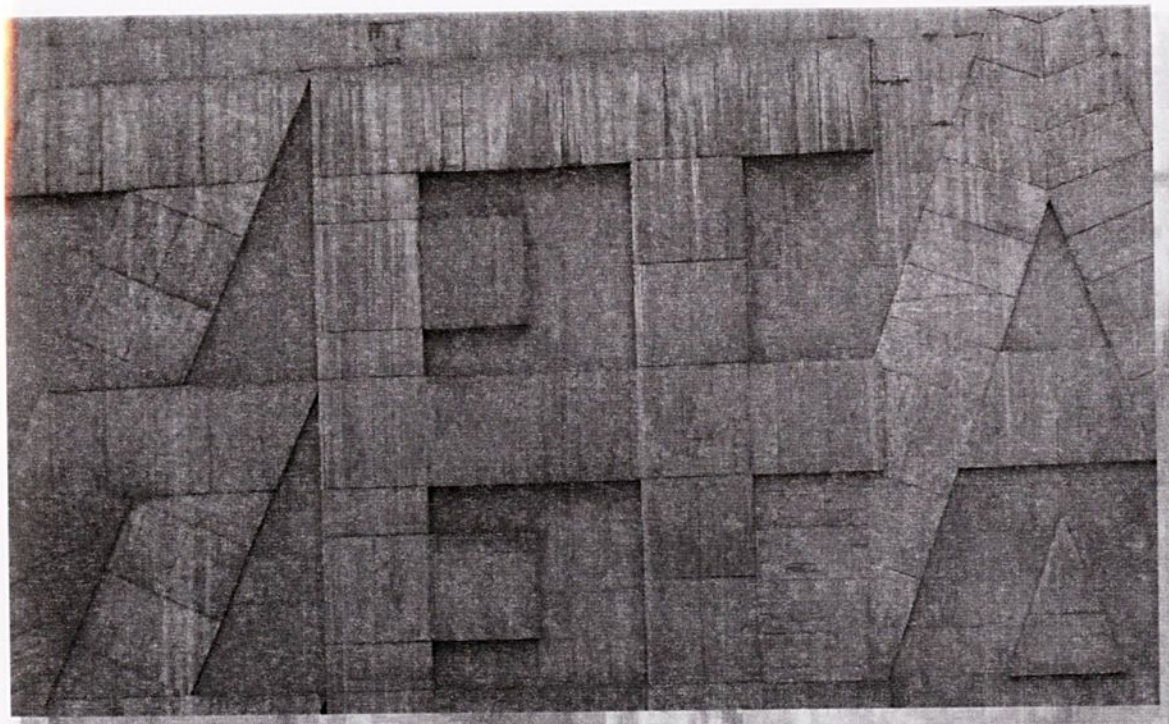
Anexo à fachada do edifício Nações Unidas, a obra de Clóvis Graciano chama muito a atenção pelo seu colorido. Infelizmente foi instalado um gradil, para afugentar mendingos que dormiam ali, a grade toma quase metade da visão da obra dificultando inclusive o registro fotográfico ou em vídeo.

TIRAS

No jardim frontal do edifício Pedro Biagi se apresenta um tridimensional geométrico deFranz Weissmann, em metal pintado de azul. É um cubo vazado muito bonito como as outras obras do autor. O azul, em contraste com o vermelho da fachada o prédio e o verde do gramado em seu entorno destacam a obra. O suporte que sustenta a obra fica num pequeno espelho d'água, o que limita a aproximação do público, mas impede que se contemple.



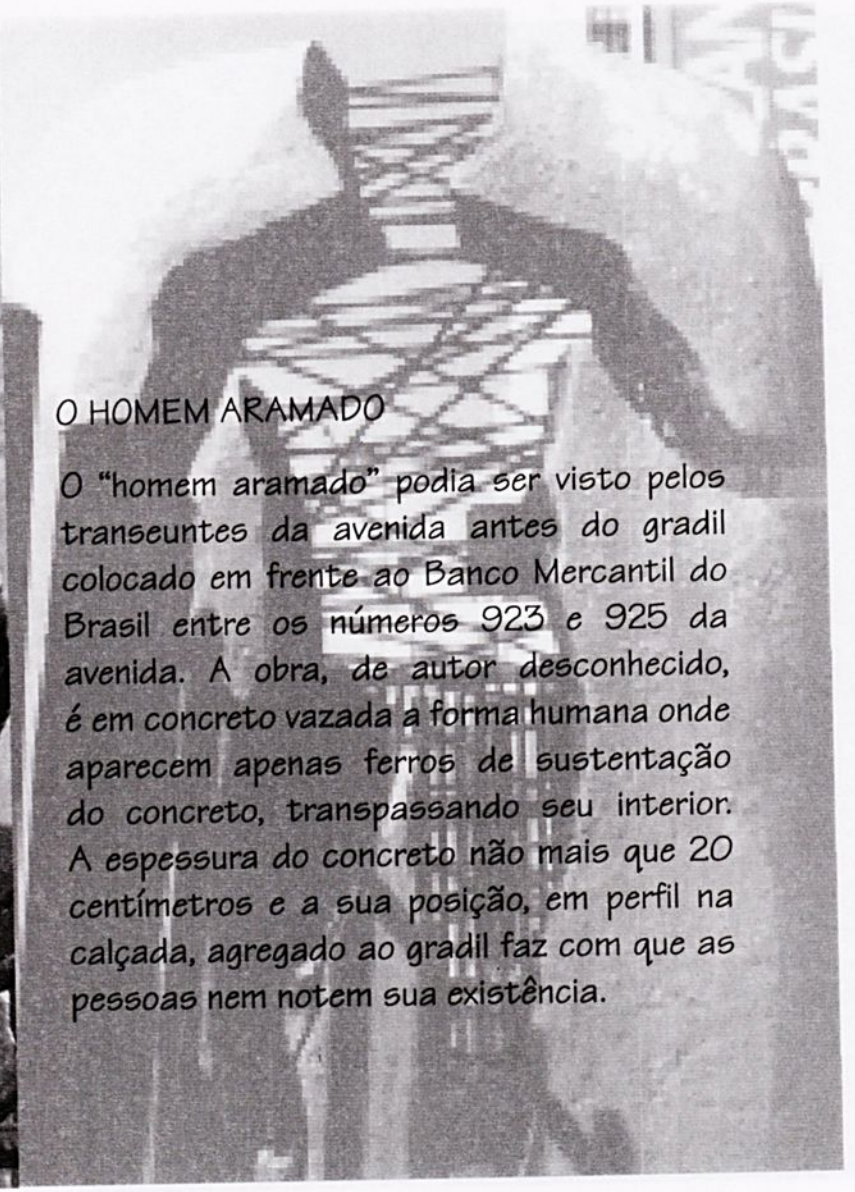




GAZETA

É interessante o relevo anexo à fachada do edifício Faculdade Cásper Líbero. É um trabalho em alto e baixo relevo no concreto de Figueiredo Ferraz (1962) onde se lê Gazeta várias vezes. Quando foi construída, não havia ainda quem tivesse utilizado essa técnica. O edifício acabou virando referência, uma das características da arte pública.





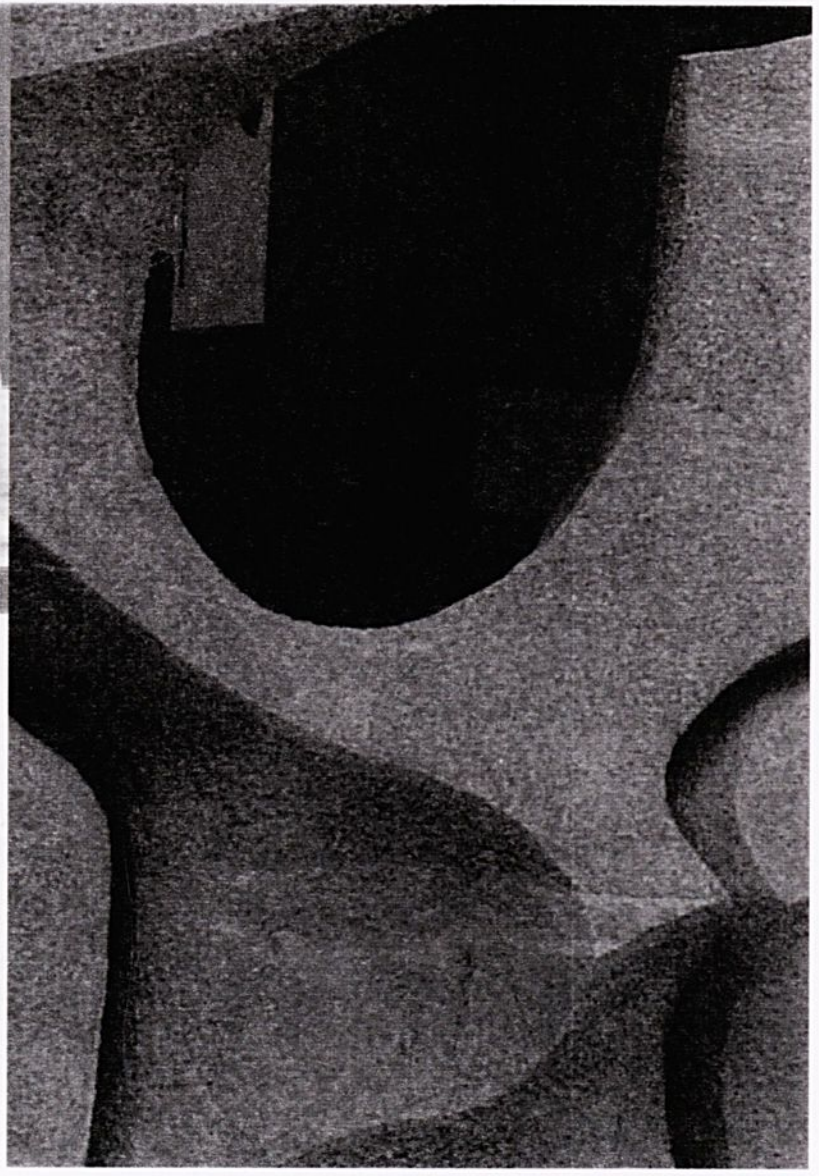
O HOMEM ARAMADO

O "homem aramado" podia ser visto pelos transeuntes da avenida antes do gradil colocado em frente ao Banco Mercantil do Brasil entre os números 923 e 925 da avenida. A obra, de autor desconhecido, é em concreto vazada a forma humana onde aparecem apenas ferros de sustentação do concreto, transpassando seu interior. A espessura do concreto não mais que 20 centímetros e a sua posição, em perfil na calçada, agregado ao gradil faz com que as pessoas nem notem sua existência.

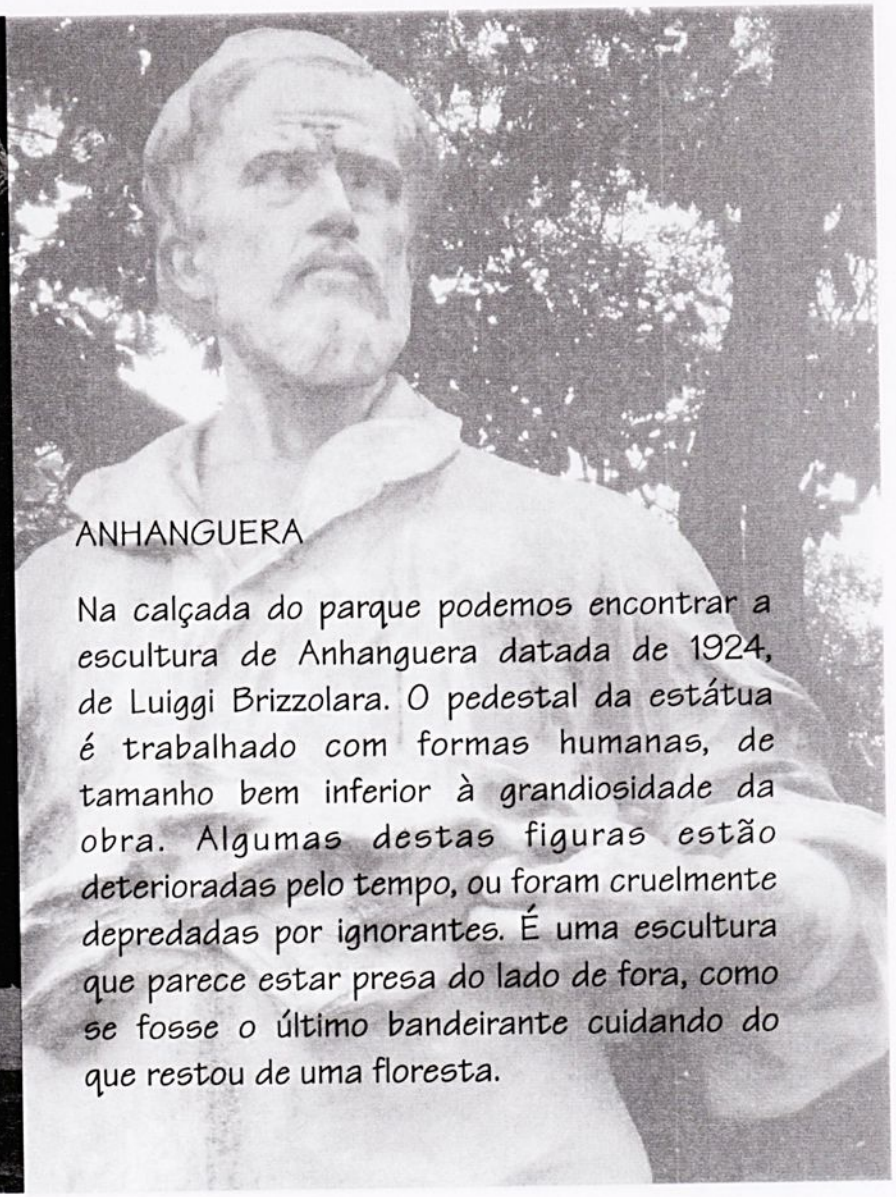


O GRANDE MEGATÉRIO

No edifício Elmost Kissajikan, está instalada outra obra de Domenico Calabrone. É uma escultura em pedra de nome: o grande Megatério. Com formas arredondadas entre o côncavo e o convexo que embeleza a fachada do banco. A obra é datada de 1980 e conversa bem com seu entorno em tons de cinza.

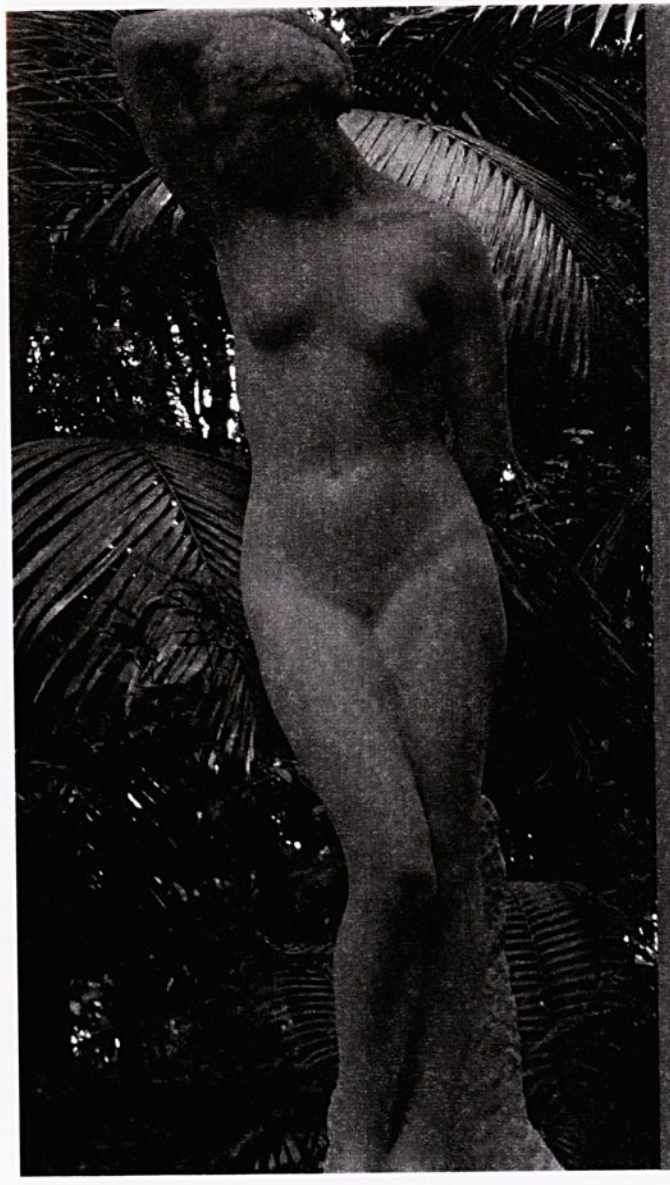






ANHANGUERA

Na calçada do parque podemos encontrar a escultura de Anhanguera datada de 1924, de Luiggi Brizzolara. O pedestal da estátua é trabalhado com formas humanas, de tamanho bem inferior à grandiosidade da obra. Algumas destas figuras estão deterioradas pelo tempo, ou foram cruelmente depredadas por ignorantes. É uma escultura que parece estar presa do lado de fora, como se fosse o último bandeirante cuidando do que restou de uma floresta.



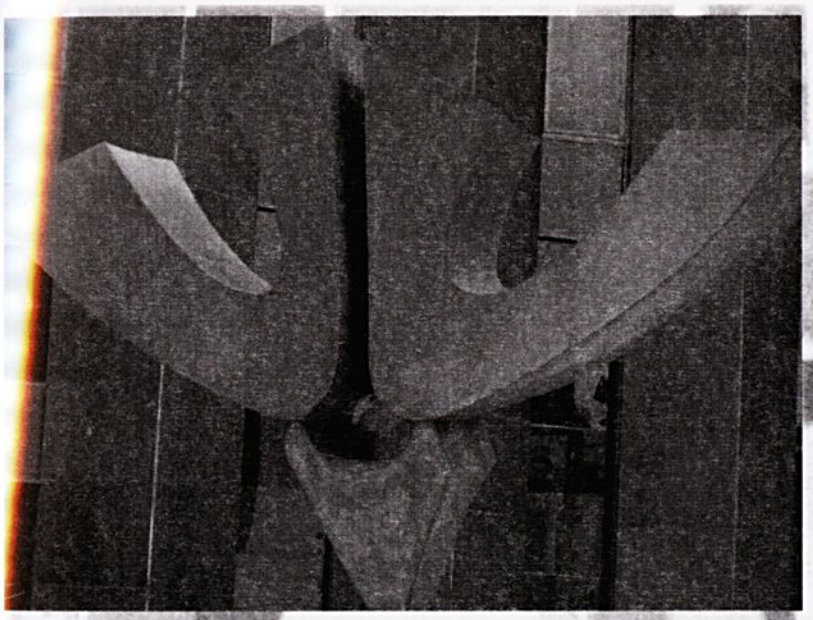
ARETUS,

Uma escultura de nu feminino com formas delicadas e bem torneadas. Uma escultura que se confunde com o real, por estar como se posasse para a foto. Segurando a cabeça com uma das mãos, e as pernas levemente flexionadas sobre a base em que está inserida. É talvez um dos nus mais belos da cidade de São Paulo. Esculpida em mármore muito branco, destaca-se entre o verde do parque, de uma forma ao mesmo tempo singela e marcante.



FAUNO

Escultura de Victor Brecheret, é o protetor da floresta, como um Deus materializado olhando pelo parque. Tem formas definidas de um grande homem, com barba longa, sentado numa pedra, logo na entrada do parque.



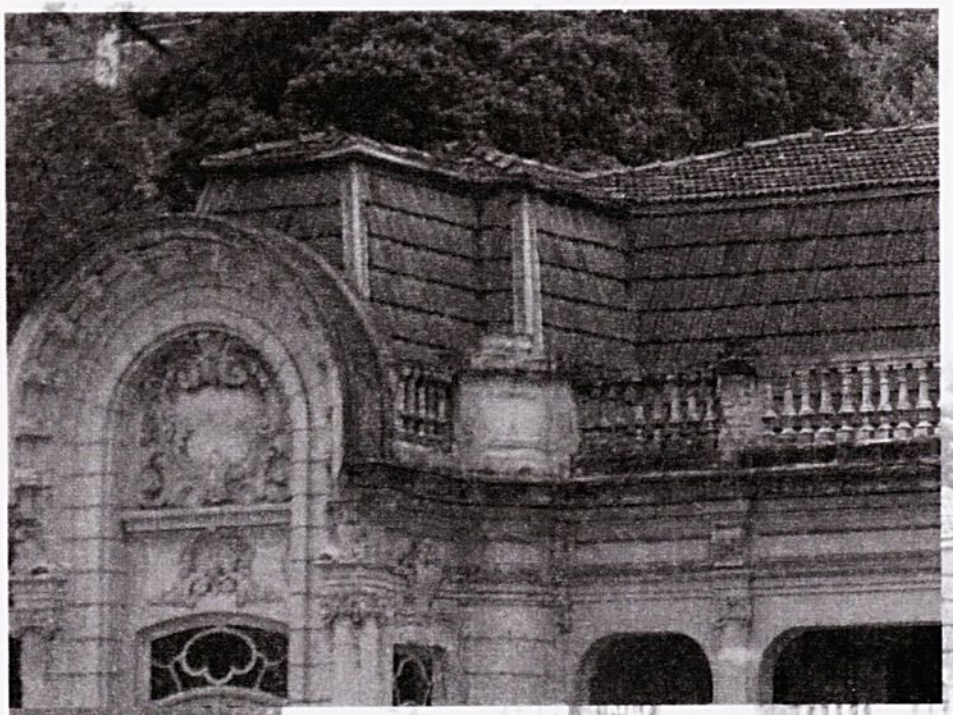
QUATRO VENTOS

A obra de Bruno Giogi, instalada em frente ao edifício Eluma, acabou por se tornar um logotipo do serviço Personalité do banco Itaú.

MASP

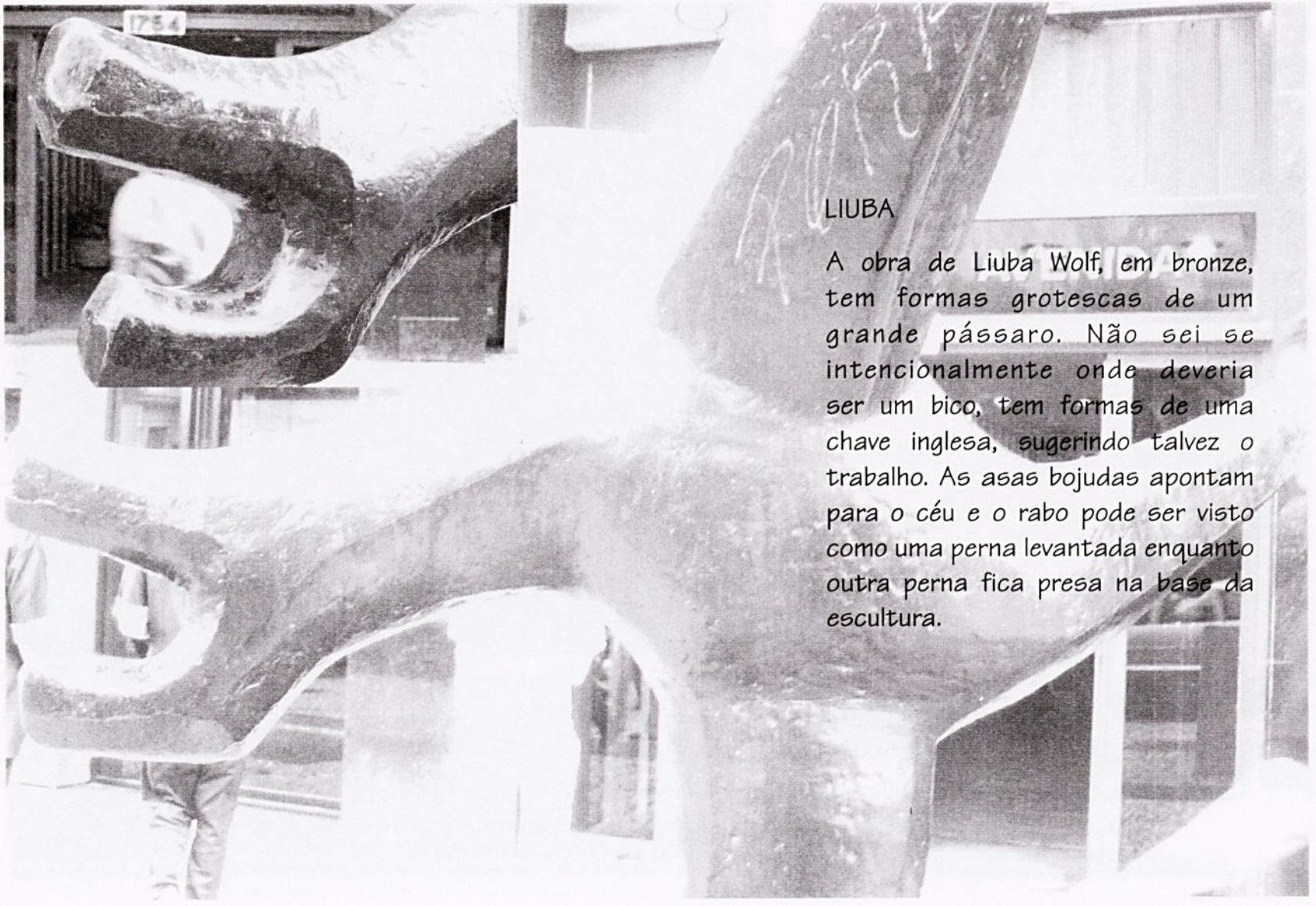
O MASP é um prédio horizontal num grande varal vermelho que tem suas fundações nas laterais dos túneis da avenida 09 de julho. O grande vão livre tinha como função inicial tornar-se um parque de esculturas e chamar as pessoas para o mirante com vista para o centro da cidade. Infelizmente a má administração da cidade permite que uma feira de camelôs pseudovendedores de antiguidades tenha se instalado nos finais de semana. Além de poluir o que seria um mirante, ainda afasta os amantes da avenida de seus passeios dominicais, pelo grande fluxo de pessoas que atrai.





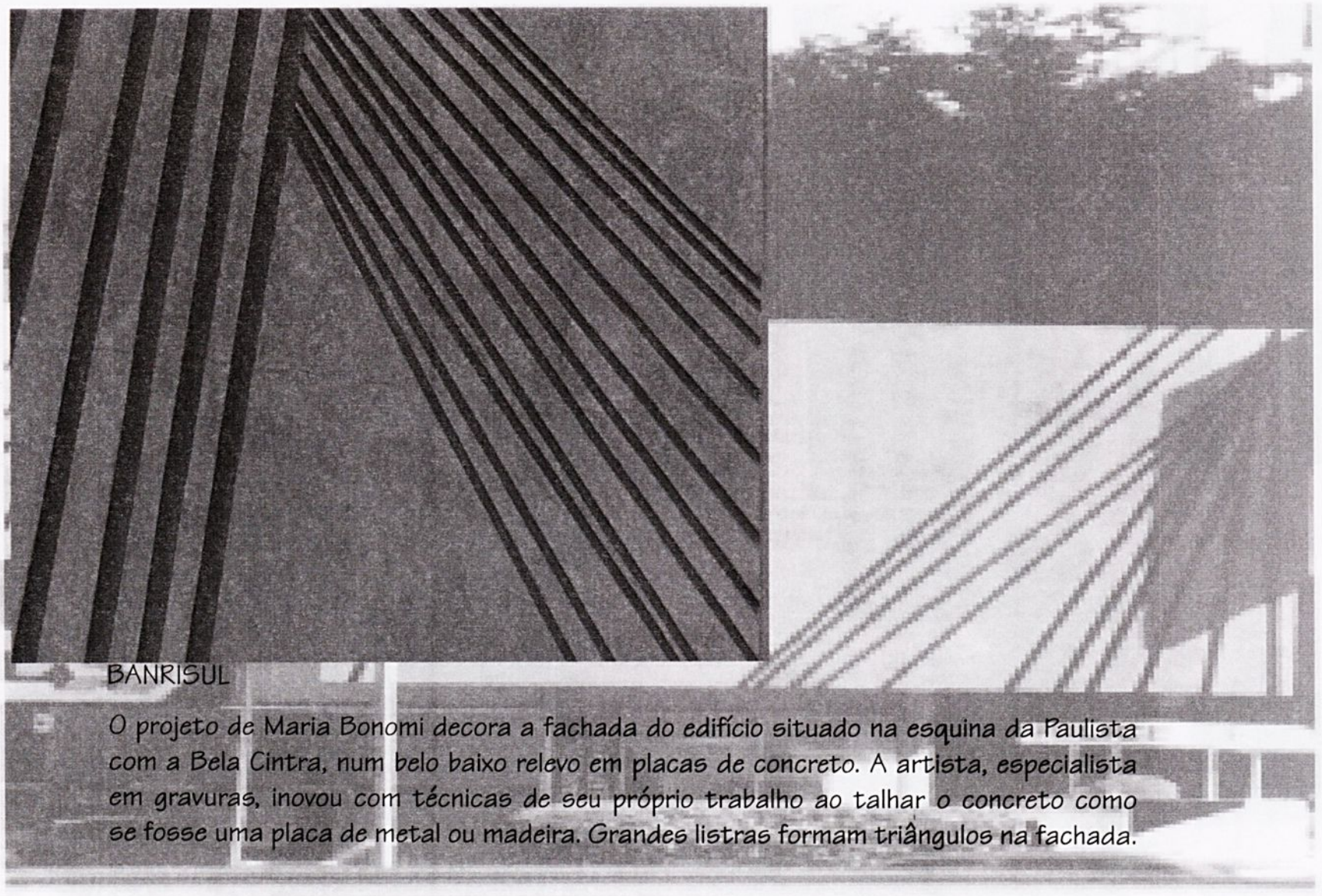
CASARÃO

O casarão antigo no final da avenida sugere um retorno ao passado, ou como eram as construções da Paulista antes de se instalarem os grandes arranha-céus. H á pouco tempo, foi palco para festas "underground" ou feiras do tipo "mercado mundo Mix". Em sua fachada nota-se uma torre no estilo árabe, bojuda com um mastro central fino e comprido. Duas sacadas para a avenida desenham ainda a fachada do casarão. Do seu lado esquerdo, um imensc jardim com árvores frondosas. Por vezes abrigou feiras de cães e gatos.



LIUBA

A obra de Liuba Wolf, em bronze, tem formas grotescas de um grande pássaro. Não sei se intencionalmente onde deveria ser um bico, tem formas de uma chave inglesa, sugerindo talvez o trabalho. As asas bojudas apontam para o céu e o rabo pode ser visto como uma perna levantada enquanto outra perna fica presa na base da escultura.



BANRISUL

O projeto de Maria Bonomi decora a fachada do edifício situado na esquina da Paulista com a Bela Cintra, num belo baixo relevo em placas de concreto. A artista, especialista em gravuras, inovou com técnicas de seu próprio trabalho ao talhar o concreto como se fosse uma placa de metal ou madeira. Grandes listras formam triângulos na fachada.



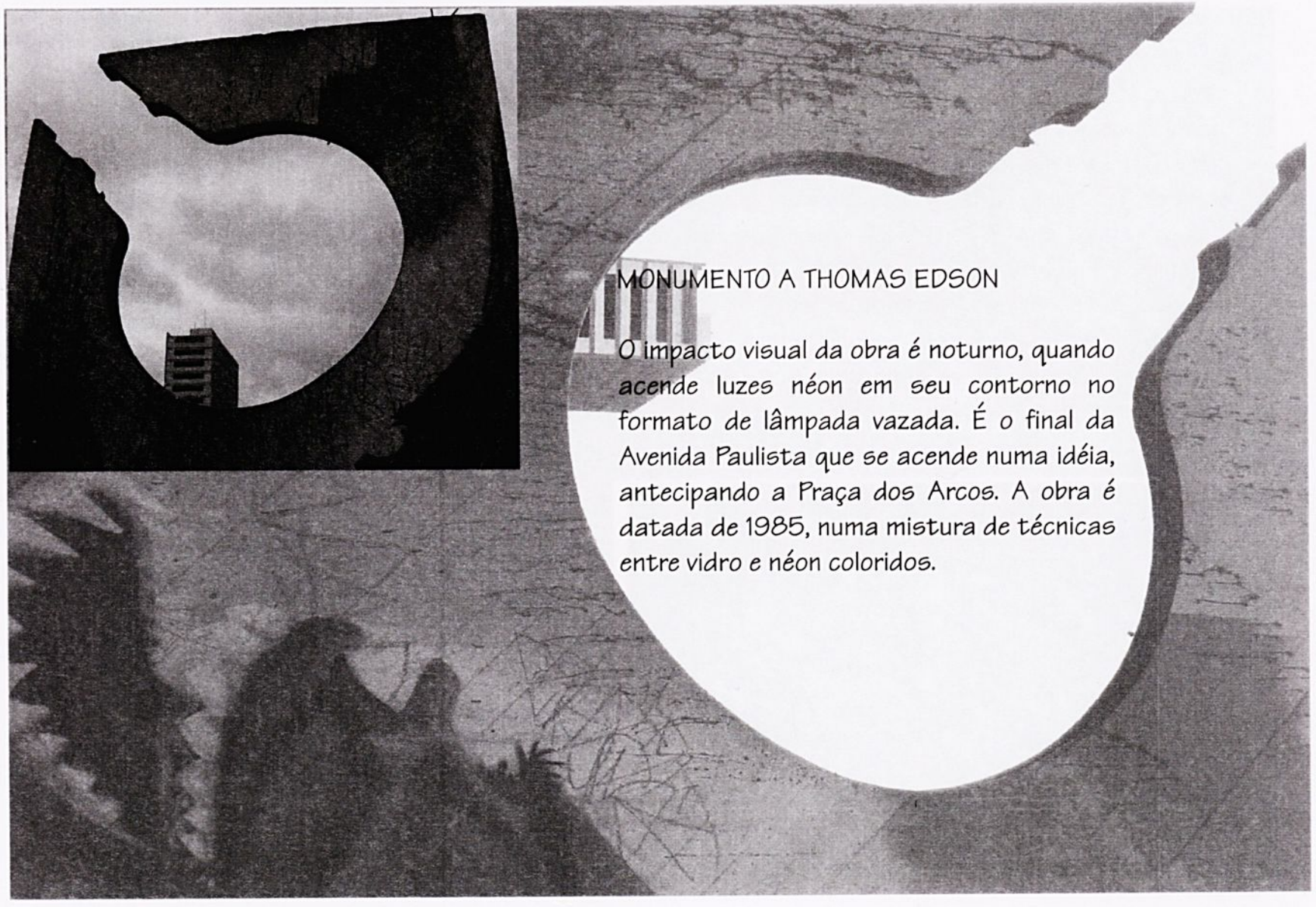
FRANCISCO MIRANDA

Instalada no canteiro central sobre o túnel da Dr. Arnaldo, a obra de Gonzáles e Tabacco é uma homenagem a Francisco Miranda. A obra não é grandiosa nem remete à historicidade da avenida, mas é encaixada basicamente nos padrões acadêmicos.



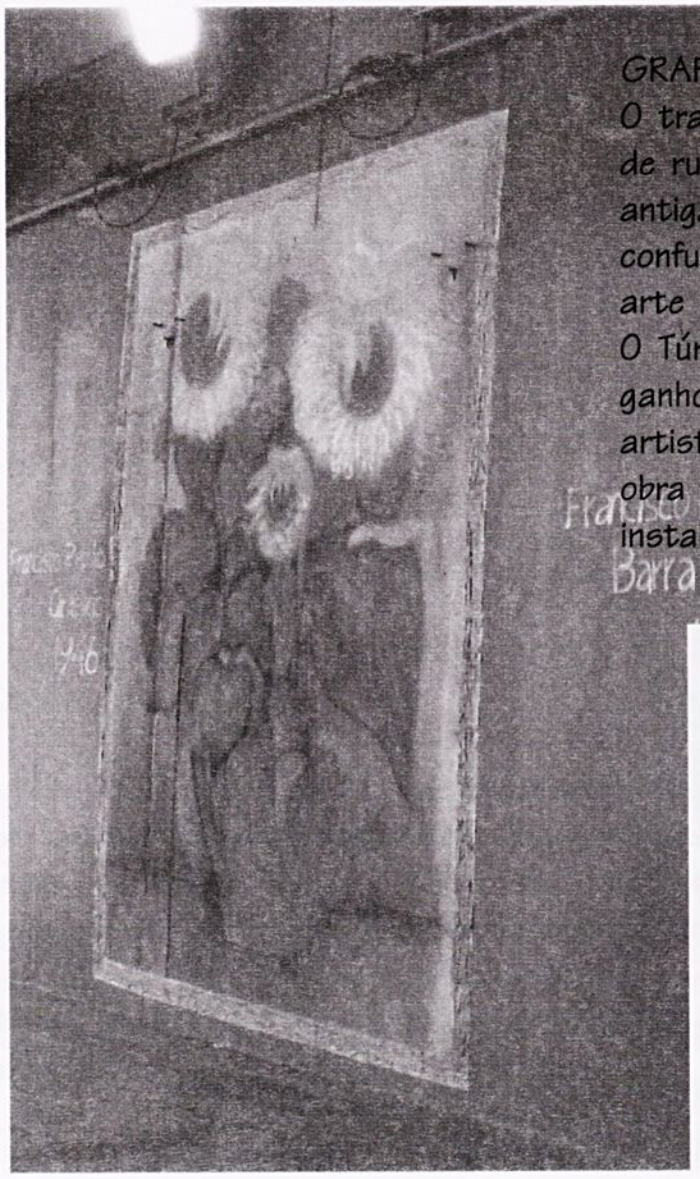
IGREJA SÃO LUIZ GONZAGA

Um projeto de Luiz Ignácio de Anhaia Mello agrega no fundo à catedral o colégio São Luiz. A catedral é belíssima e ostenta colunas jônicas em sua entrada. É escolhida entre a população de grande poder aquisitivo para cenário de casamentos. O colégio São Luiz acabou se tornando um prédio muito maior que a igreja. Ironicamente, as igrejas, foram, há tempos referência visual por terem pé direito mais elevado que as outras construções, no entanto, ficam modestas frente aos arranha-céus da avenida.



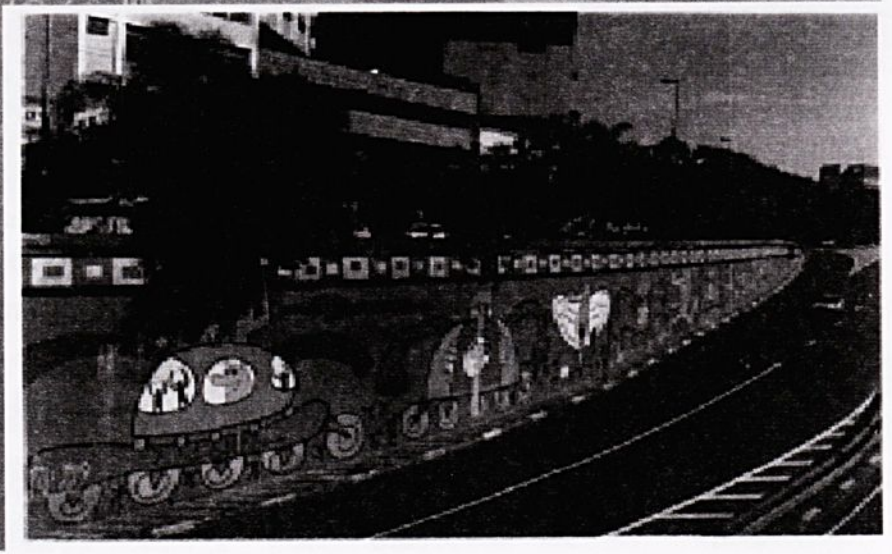
MONUMENTO A THOMAS EDSON

O impacto visual da obra é noturno, quando acende luzes néon em seu contorno no formato de lâmpada vazada. É o final da Avenida Paulista que se acende numa idéia, antecipando a Praça dos Arcos. A obra é datada de 1985, numa mistura de técnicas entre vidro e néon coloridos.



GRAFITE

O trabalho em grafite de Ruy Amaral consolidou a arte de rua. Os artistas que trabalhavam com esta técnica, antigamente, sofriam a repressão da ditadura e eram confundidos com pixadores. O grafite é uma forma de arte que quer apenas deixar a cidade mais bonita. O Túnel que sai da Paulista para a avenida Dr. Arnaldo, ganhou vida, e hoje comporta trabalhos de outros artistas na mesma técnica do grafite. Infelizmente a obra foi pixada em alguns pontos, restaurada quando se instalou o painel no túnel em homenagem aos modernistas.





CAMINHO

A obra de Lílian Amaral e Jorge Bressani ficou conhecida como praça dos Arcos. Em alumínio extrudado com pintura eletrostática, o tridimensional desenha arcos coloridos na ligação entre as avenidas Angélica, Dr. Arnaldo e Paulista. Datada de 1991, é uma obra de beleza especial, principalmente quando era melhor iluminada à noite. Nos últimos tempos acabou por se tornar um monumento GLS por ostentar as cores do arco-íris, símbolo deste movimento. Hoje, como outras obras da Paulista, está abandonada e sem iluminação adequada.

1.3. MAPAS

O mapeamento da avenida talvez seja o principal produto deste trabalho equivalente.

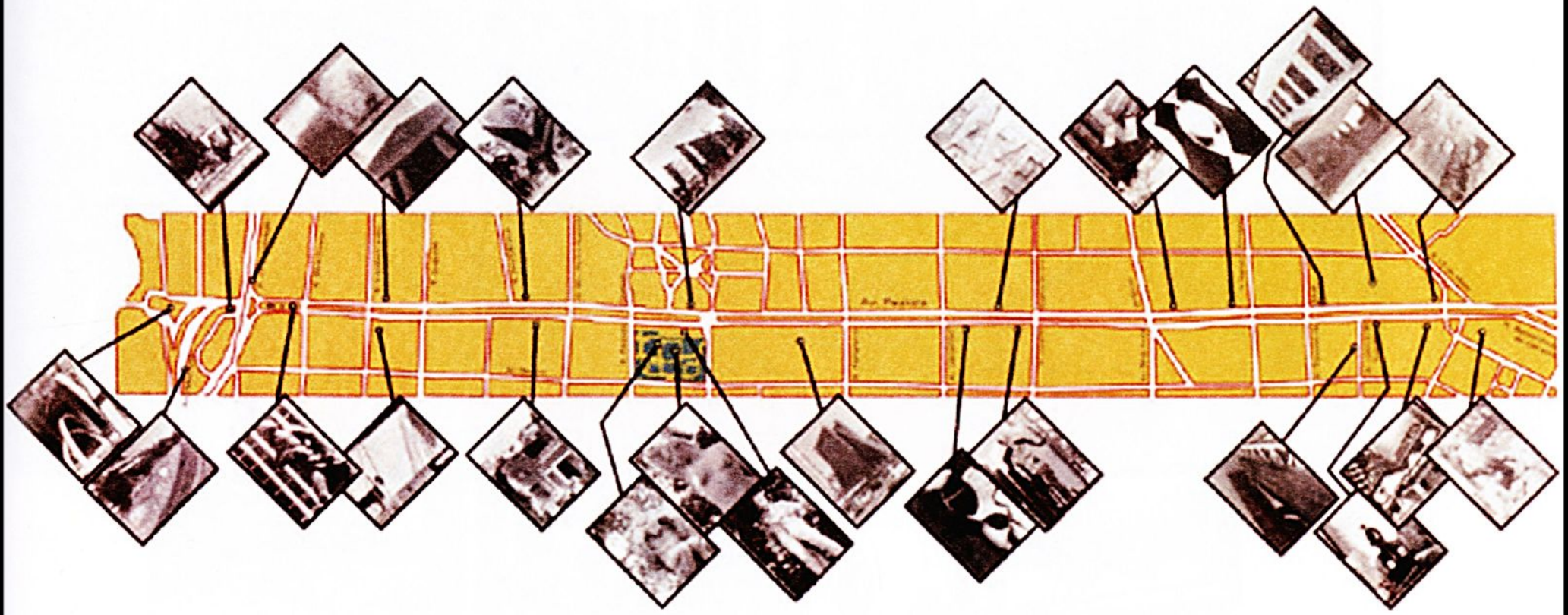
A pesquisa dos dados para a composição deste mapa serviu de guia para que fosse planejada a captação das imagens. Ao mesmo tempo, dá uma referência visual de localização da instalação da obra, que torna possível o traçado de memória, ou a imagem que antecede o percurso de quem quiser ver a obra sem as lentes do artista.

O Primeiro mapa, resultado de montagem do mapa da Avenida Paulista, parte da dissertação de mestrado de Maria de Lurdes Nogueira sobre espaços públicos, com colagem de contatos em tamanho dos negativos das fotos em P&B que fiz das obras.

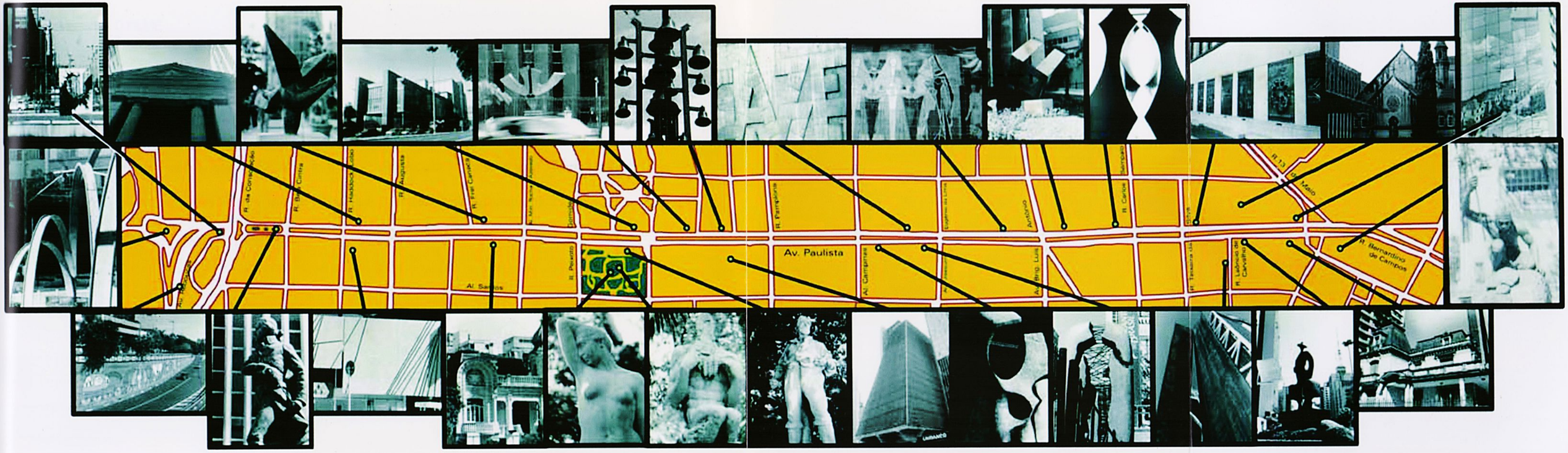
unesp

Depois o rascunho que eu fizera, tomou formato digital, pelas mãos de Ana Lima, que redesenhou as informações do mapa. O mapa recria em outras mídias as informações audiovisuais da avenida. Seja no seu formato em animação, seja no seu original, estático, desenhado em corel draw.





unesp


R. da Consolação
R. Bela Cintra
R. Haddock Lobo
R. Augusta
R. Frei Caneca
R. Pamplona
Av. Paulista
Al. Santos
Al. Campinas
Av. Brig. Luís
R. Carlos Sampaio
R. Bernardino de Campos

unesp

1.4. O FILME

Para chegar ao resultado final do filme de arte, elaborei, com orientação do prof.dr. Pelópidas Cypriano, uma série de protótipos, que foram planejados, construídos, avaliados e revisados, para que eu pudesse chegar no resultado esperado.

A reflexão sobre estes resultados é que diferenciam a dissertação tradicional do relatório circunstanciado, pois propõe uma leitura audiovisual cinética de pesquisador-realizador, e não apenas da realização cinética. São os Protótipos:

PROTÓTIPOS ESTÁTICOS

1. Fotos película P&B das obras

Fiz 50 fotos em P&B de 26 obras da avenida que serviram para nortear o trabalho de captação em vídeo, que serviram para ilustrar o mapa da avenida.

2. Fotos digitais das obras

Fiz 5 séries de 24 fotos com câmera digital. Fotografei alguns detalhes das obras para ilustrar o capítulo de Arte Pública, e fiz outras fotos, parecidas com as fotos em P&B, que por estarem no suporte digital, facilitaram o trabalho de composição em Corel Draw.

unesp

3. Mapa iconográfico

Composição iconográfica com os contatos das fotos película P&B sobre mapa de dissertação de Maria de Lurdes Nogueira.

4. Redesenho do mapa.

Novas versões do mapa com desenhos da colega Ana Lima e mantendo as referências iconográficas das fotos em P&B, com exceção das fotos das obras: Quatro ventos, Alabarda, e do carrilhão inglês, que não foram fotografados inicialmente.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

PROTÓTIPO WEB

1. Site

Foi discutida a criação de um site, que teria uma barra de rolagem horizontal, que dispusesse a avenida através do mapa iconográfico, e que possibilitasse a navegação pelas fotos das obras, abrindo uma nova janela com informações como nome, autor e ano de instalação, e que veiculasse o vídeo de 10 segundos referentes a cada obra. Tentei desenvolver com uma colega de mestrado, mas infelizmente o projeto não evoluiu a tempo para a apresentação do relatório circunstanciado. No mês de janeiro, descobri o site da Lilian Amaral, que tem uma estrutura parecida a da minha proposta, mas que apresenta nos links a história dos artistas e não da obra, como eu ainda pretendo realizar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

PROTÓTIPOS DE APRESENTAÇÃO

1. Cartazes do filme

Propus ao colega Vitor Costa a criação de 10 Cartazes do filme que utilizassem as imagens que fotografei. É um interessante estudo das possibilidades de se resumir em apenas uma imagem, ou em uma composição, as informações do filme.

2. Convite de entrada do cinema

Para criar um clima de happening na apresentação do filme, criamos convites semelhantes aos usados nas salas de cinema de São Paulo.

unesp

3. Ambientação Exposição dos cartazes

No mesmo sentido do convite, a exposição dos cartazes também é efêmera, no sentido em que só existirá na ocasião da exibição do filme na defesa deste trabalho equivalente.

4. Filmagem da defesa

Os alunos de Radialismo das Faculdades Oswaldo Cruz – FAITER, vão gravar a defesa do trabalho equivalente, como tarefa do Programa Mutirão Cultural, exibido no Canal Comunitário de São Paulo. Essa gravação serve também de reflexão da apresentação da obra.

unesp

PROTÓTIPOS CINÉTICOS

1. **15 vídeos de 10 segundos sobre as 7 primeiras obras. Do Índio Pescador ao tridimensional de Amilcar de Castro.**

O primeiro protótipo cinético tem um estudo audiovisual muito importante para o desenvolvimento do trabalho. A escolha das obras se deu principalmente pela locação. Estacionamos o carro próximo à praça Oswaldo Cruz e seguimos registrando as obras até o pôr-do-sol.

2. **Vídeo de 3 minutos editado com os primeiros vídeos de 10 segundos.**

Com trilha de Hebert Vianna, Speed Racer, foi apresentado na conclusão do curso de Arte Pública, na Mostra de Curtas da Aliança Francesa e foi selecionado para a participação do festival internacional de curtas metragens do Rio de Janeiro.

3. 21 vídeos de 10 segundos do final da avenida.

Os vídeos têm início desta vez na obra Caminho, chamada de praça dos arcos até o Pássaro de Liuba Wolf. Pelo mesmo motivo de dificuldade de locação, estacionamos o carro no final da Avenida Angélica e seguimos a pé até o Pássaro, última obra antes do Masp.

4. 31 vídeos de 10 segundos das obras restantes.

As últimas obras a serem gravadas foram as que ficam justamente entre uma gravação e outra. Como havíamos parado a gravação anterior perto do Masp, retornamos no sol de meio dia para iniciarmos as últimas captações das obras instaladas no parque Trianon, e que precisam ser registradas, sem deixar a imagem escura.

INSTITUTO DE ARTES - UNESP BIBLIOTECA

5. Entrevista com o prof. Spinelli

Fiz uma entrevista com o Professor Spinelli gravada nos estúdios das Faculdades Oswaldo Cruz.

6. Vídeo da entrevista do prof. Spinelli

Editei o material captado na entrevista e cheguei ao vídeo de 16 minutos com quebra aos 4 minutos e inserção do protótipo 2 revisado (com alteração de duas imagens, a Aretuza e o Masp que substituem duas versões do Amílcar de Castro da primeira versão.)

7. Vídeo de 5 minutos em After Effects.

Com animação que propõe releitura/transcrição do mapa redesenhado pela colega Ana Lima, para material audiovisual cinético que integra um vídeo de dez segundos para cada obra disposta no mapa e informações especificas de cada uma delas.

unesp

8. Clipe de 3 minutos

Com música do grupo Ira!: Prisão das Ruas do álbum Meninos da Rua Paulo, e imagens selecionadas dos protótipos 3 e 4.

9. Abertura

Com dois minutos de duração, o clipe de abertura apresenta wipes com material captado da av Paulista à noite de dentro do carro.

10. Filme final de 24'

Edição final composta de clipe de abertura, entrevista quebrada por dois videoclipes (protótipos 2 e 8), e After Effects, seguida da ficha técnica do filme.

unesp

1.5. DECUPAGEM DO FILME

O filme é composto de partes formadas pelos protótipos que desenvolvi. Apresento agora as partes do filme seguidas das respectivas reflexões:

Parte do filme

a. Clipe de abertura Av Paulista à noite vista de passagem pela janela de um carro.

Estesia

Apresenta a primeira impressão que o leigo tem sobre a avenida Paulista.

Solo de guitarra acompanha o olhar pela janela do carro como se o espectador estivesse na subjetiva da câmera, ouvindo uma música durante o trajeto à noite pela Av Paulista.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Uso uma frase da música Romaria de Renato Teixeira "como eu não sei rezar só queria mostrar meu olhar, meu olhar, meu olhar". É a proposta de uma videoartista para que o espectador veja o filme como uma releitura poética.

Parte do filme

b. Entrevista com Spinelli parte 1

Estesia

Depoimento de um professor doutor e crítico de arte.

Faz introdução arte pública no mundo, no Brasil, cita Cristo Redentor como referência visual do Brasil. E fala da arte pública em São Paulo.

unesp

Parte do filme

c. Clipe início da Paulista

Estesia

Quebra do austero do depoimento encaminhando o espectador para um olhar ao local do assunto que está sendo apresentado.

Proporciona uma releitura da av Paulista a partir da academia. Segundo protótipo.

Parte do filme

d. Entrevista com Spinelli parte 2.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Estesia

Retomada da credibilidade do depoimento. Fala de "Site Specific" e "Plop Art", introduz o espectador à historia da avenida.

Parte do filme

e. Clipe das outras obras da avenida (protótipo 8)

Estesia

Introduz uma estesia de fruição da obra de arte na Paulista sob a ótica da videoartista

Parte do filme

f. Entrevista com Spinelli parte 3.

unesp

Estesia

Retomada do depoimento. Foca no MASP associada à av Paulista. Declara o MASP uma obra de arte mais do que simples arquitetura.

Parte do filme

g. Clipe do Mapa em After Effects

Estesia

Um passeio teleguiado pela av Paulista.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Sintetiza na redação audiovisual cinética o conteúdo sistematizado da av Paulista, com as principais informações sobre as obras.

Parte do filme

h. Ficha técnica

Estesia

Registra o trabalho em equipe como referência bibliográfica. Letras em branco no fundo preto, com música de Itamar Assumpção que diz: Se a obra é a soma das penas, pago, mas quero meu troco em poemas.

unesp

1.6. DECUPAGEM DOS VÍDEOS DE 10 SEGUNDOS

Imagens captadas em junho de 2003.

1. INDIO PESCADOR I

Super close do rosto do índio, câmera em zoom out até plano geral.

2. INDIO PESCADOR II

Fusão de imagem do índio em movimento no sentido horário e anti-horário.

3. EMPENA CEGA I

Panorâmica vertical da pintura mural da empena cega do edifício.

unesp

4. EMPENA CEGA II

Panorâmica vertical da pintura mural da empena cega do edifício, desta vez começa com movimento de pessoas atravessando a avenida.

5. CASA DAS ROSAS I

Panorâmica frontal da fachada, da esquerda para a direita, corta para zoom out da varanda da cada, corte para o movimento de panorâmica no sentido inverso.

6. CASA DAS ROSAS II

Fusão do mesmo movimento duplicado de panorâmica na grade da casa.

7. HOSPITAL SANTA CATARINA I

unesp

Zoom out de close da fonte para plano aberto da capela seguido do mesmo movimento em panorâmica até o prédio de vidro.

8. HOSPITAL SANTA CATARINA I

Panorâmica, em ângulo obliquo, seguida de corte para panorâmica em ângulo frontal da esquerda para a direita.

9. MURAL EM BRONZE I

Fusão de imagens do painel em baixo relevo.

10. MURAL EM BRONZE II

Zoom out da imagem da Santa Catarina em cimento sobre o mural, ângulo obliquo de peça que trata da representação atômica.

11. CAIXEIRO

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Zoom out dentre as pernas do Caixeiro, até plano geral com cortes e zoom in no contra luz.

12. AMILCAR I

Panorâmica vertical desenha a obra em ângulo obliquo. Tratamento em sépia.

13. AMILCAR II

A câmera passa seguidas vezes por dentro da obra.

14. AMILCAR III

O mesmo corte da versão I, com imagem inversa, mostra a avenida por entre a obra.

15. AMILCAR IV

O mesmo corte da versão II, com imagem saturada pelo efeito de "solarize".



Imagens captadas em novembro de 2003.

16. ARCOS I

Movimento com câmera no ângulo inferior. Panorâmica.

17. ARCOS II

Zoom out da obra de detalhe até plano geral. Corte para detalhe de pomba voando com tela dividida em 4 partes.

18. ARCOS III

Câmera passeia pela onda azul da obra. Movimento que acompanha a envergadura do arco.

19. PÁSSARO I

Giro no entorno da obra com utilização de efeito sépia.

unesp

20. PÁSSARO II

Fusão de ângulos deferentes de visa da obra. Planos de detalhe.

21. PÁSSARO III

Giro na obra, com imagem inversa e efeito de sépia em azul.

22. FRANCISCO MIRANDA I

Plano médio e fusão para plano geral em zoom out e ângulo obliquo. Corta em detalhe da expressão da obra.

23. FRANCISCO MIRANDA II

A mesma imagem do vídeo 22, em efeito de sépia.

24. IGREJA DE SÃO LUIZ GONZAGA I

Panorâmica vertical, começa com um detalhe do grafite no túnel para a imagem da igreja com as cores invertidas. Corte para a cruz em zoom out.

25. IGREJA DE SÃO LUIZ GONZAGA II

As mesmas imagens do vídeo 24, desta vez, com utilização de efeito de solarização e inversão do movimento.

26. GRAFITE I

Panorâmica em plano fechado da direita para a esquerda na obra.

27. GRAFITE I

Zoom out da obra, corta para sobreposição do movimento de panorâmica em fusão.

28. CASARÃO I

Panorâmica vertical começando da torre do casarão, cortes para detalhes da construção com efeito de inversão de cores.

29. CASARÃO II

Panorâmica de 360 graus mostra os prédios do entorno do casarão com utilização de efeito sépia.

30. BANK BOSTON I

Imagens de ângulo inferior e oblíquo da fachada do prédio.

31. BANK BOSTON II

As mesmas imagens do vídeo 30 com inversão de cores.

32. BANK BOSTON III

As mesmas imagens do vídeo 30, com utilização de efeito de solarização.

33. THOMAS EDSON I

Detalhe do pôr do sol pelo recorte da obra, com utilização de efeito de solarização.

34. THOMAS EDSON II

A mesma imagem do vídeo 33, com uso do efeito de inversão de cores.

unesp

35. BONOMI I

Panorâmica em plano de detalhe na lateral da obra de Maria Bonomi.

36. BONOMI II

Panorâmica em plano de detalhe com ângulo oblíquo, e efeito de inversão de cores.

37. BONOMI III

Movimento das lentes em zoom aproximando e afastando a imagem de detalhe da obra com aplicação de efeito de solarização.

Imagens captadas em março de 2004.

38. FAUNO I

Ângulo inferior oblíquo, corte para detalhe do rosto da obra e abre para plano geral.

unesp

39. FAUNO II

A mesma imagem do vídeo 38 com utilização de efeito de solarização.

40. FAUNO III

A mesma imagem do vídeo 38 com utilização de efeito de sépia, puxando para o vermelho.

41. ARETUZA I

Imagem de passagem da câmera pelo corpo da escultura, da cabeça aos pés, corte para o mesmo movimento por trás da obra.

42. ARETUZA II

A mesma imagem do vídeo 41 com utilização de efeito de sépia, em azul.

43. MASP I

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Panorâmica de 360 graus do centro do vão do Masp, com câmera inclinada para cima mostrando o concreto e as colunas vermelhas.

44. MASP II

A mesma imagem do vídeo 43 com utilização de efeito de sépia, em verde, descaracterizando completamente o local.

45. MASP III

Panorâmica do lado do vão mostra o prédio do museu e abre para a vista do Vale do Anhangabaú.

46. ANHANGUERA I

Detalhe do trabalho no pedestal da obra, corte para movimento de panorâmica vertical de baixo para cima, corte para plano médio da obra.

unesp

47. ANHANGUERA II

A mesma imagem do vídeo 46 com utilização de efeito de sépia, em azul.

48. CARRILHÃO

Imagens em zoom dos sinos do Carrilhão sobre a fachada do prédio do Banco Real.

49. QUATRO VENTOS I

Detalhe da obra, com câmera girando em seu entorno.

50. QUATRO VENTOS II

A mesma imagem do vídeo 49 com utilização de efeito de sépia, em azul.

51. QUATRO VENTOS III

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

A mesma imagem do vídeo 49 com utilização de efeito de solarização.

52. ALABARDA I

Detalhes de desenho, corte para panorâmica mostrando as grades na frente, corte para zoom out.

53. ALABARDA II

A mesma imagem do vídeo 52 com utilização de efeito de sépia, em azul.

54. ALABARDA III

A mesma imagem do vídeo 52 com utilização de efeito de sépia, em amarelo claro.

55. ALABARDA IV

A mesma imagem do vídeo 52 com utilização de efeito de inversão de cores.

56. ALABARDA V

unesp

A mesma imagem do vídeo 52 com utilização de efeito de solarização.

57. VIBRAÇÃO I

Fusão de movimentos pela obra em plano de detalhe.

58. VIBRAÇÃO II

Fusão de outros movimentos por trás da obra em plano de detalhe.

59. VIBRAÇÃO III

A mesma imagem do vídeo 58 com utilização de efeito de solarização.

60. HOMEM ARAMADO I

Fusão de imagens que sobem e descem pelas tramas dos ferros da obra.

61. HOMEM ARAMADO II

unesp

- Novamente fusão de imagens em plano aberto e fechado da obra.

62. HOMEM ARAMADO III

Em ângulo oblíquo, câmera passeia pela obra com utilização de efeito de solarização.

63. MEGATÉRIO I

Câmera passeia no entorno da obra.

64. MEGATÉRIO II

A mesma imagem do vídeo 63 com utilização de efeito de solarização.

65. CARIÁTIDE I

Movimentos de zoom mostram a obra e o local onde está inserida, cheio de tapumes.

66. CARIÁTIDE II

A mesma imagem do vídeo 65 com utilização de efeito de sépia, em azul.

67. CARIÁTIDE III

A mesma imagem do vídeo 65 com utilização de efeito de sépia, em azul.

2. O OLHAR DO ARTISTA

Meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para direita e para a esquerda
E de, vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
(Alberto Caieiro)

unesp

Trabalhei com as duas possibilidades. Sempre dando meu recorte às obras, seja no plano cinético, ou no plane estático da fotografia.

Destaco nesse trabalho, algumas destas referências que serviram de base para a composição visual e num segundo momento para a reflexão dos processos e procedimentos artísticos que segui para a realização deste filme. Foi importante rever alguns filmes, ou ver outros filmes, procurando tirar conceitos que fossem possíveis de ser analisados e que proporcionasse a experimentação e a reflexão dos resultados desta experiência.

O filme é arte. É uma releitura audiovisual cinética que escolheu como iconografia do trabalho equivalente, as obras de arte pública da avenida Paulista. Nesse sentido o trabalho assume uma visão particular das obras da avenida e manipula a captação de imagens através de efeitos de câmera e de ilha de edição.

unesp

Esse processo foi facilitado pelo sistema digital de captação e edição das imagens. Entretanto, não foi a variedade de efeitos disponíveis nestes processos que me chamou a atenção, mas a experimentação de alguns deles em diferentes unidades imagéticas, escolher o apropriado efeito apropriado, a leitura que reflita seu pensamento sobre as imagens que se está manipulando.

Nesse procedimento reflexivo, emergem do nosso referencial, conceitos e expressões de outros artistas. Colecionados por motivos variados e de formas distintas em nosso repertório audiovisual.

unesp

2.1. ALMEIDA SALLES – CINEMA: TÉCNICA OU ARTE?

"Todas as outras artes que até hoje criamos nasceram de nós mesmos, são obras das nossas mãos e do nosso espírito. Seria possível uma arte nascida da máquina, o resultado de uma engenharia sutil, de mecanismos que se interpõem entre nós e o objeto de criação? E não é isso o cinema? Como então chamá-lo de arte, colocando-o no mesmo nível das artes que nós mesmos criamos, manipulando a palavra na poesia e na literatura, as cores e os volumes na pintura, na escultura e na arquitetura, os sons na música, os movimentos do corpo na dança?".

(Francisco Luiz de Almeida Salles)

O texto de Almeida Salles, extraído do livro Cinema e Verdade, de Jean Claude Berdadet, reflete o questionamento da década de 50 por ocasião do início do cinema.

Seria o cinema técnica ou arte?

unesp

Quando Almeida Salles, no texto, relaciona as possibilidades artísticas, sempre faz referência a um instrumento. Seja o pincel, formão ou um instrumento musical, nunca a arte é provinda exatamente das mãos do artista, como num passe de mágica.

O que acontece com o cinema, é que o instrumento para se produzir esta arte é composto de máquinas, lâmpadas e construções cenográficas. O aparato para se fazer cinema requer uma equipe trabalhando em conjunto com o artista. Nesse sentido o cinema não pode ser excluído já que não é só técnica ou apenas arte, mas uma composição das duas coisas, mesmo que de forma diferenciada e especial.

Ainda nesse texto, Almeida Salles chega aproximadamente nessa mesma conclusão:

> *"Estamos, pois, diante de uma arte e de uma arte poderosamente criadora, capaz de nos transportar para um plano que não é o da realidade, capaz de nos emocionar através de uma linguagem que não tem nada em comum com a linguagem das outras artes".*
>
> *(Francisco Luiz de Almeida Salles)*

unesp

Esta frase de Almeida Salles traduz com perfeição a proposta desta pesquisa. O trabalho de sedução do espectador é facilitado justamente pela beleza das obras que estão dispostas na avenida. Ora, se a linguagem cinematográfica trata de nos transportar para um plano irreal, as obras passam a ser os personagens imóveis deste filme. Que deixam vasculhar-se pelo olhar do artista que propõe uma releitura da sua significação visual a partir do momento que se dispõe a captar em vídeo o movimento não da obra, mas do olhar. O pressuposto de emoção do espectador através da imagem, no caso deste filme, provoca muita surpresa em detalhar a obra de arte e fragmentar a possibilidade de visão através dos recortes feitos com o movimento das lentes da câmera.

unesp

2.2. UM HOMEM COM UMA CÂMERA - Dziga Vertov

Este filme de 1929 tem um estudo voltado completamente ao movimento. Na maior parte do tempo, a câmera fica parada no tripé e a cena se movimenta, seja na captação de meios de transporte, ou em movimentos operários de telefonia ou embalagem de cigarros. Aspectos que deveriam ser modernos para a época do filme.

É interessante não só a composição das imagens, e o fascínio de Vertov pelo movimento, como a contribuição que o cineasta deu para a construção da trilha sonora.

Gosto de comparar meu filme ao de Vertov, por trabalharmos justamente o inverso. No meu caso, a cena é estática (as obras de arte) e o que se movimenta é a câmera, buscando angulações e enquadramentos diferentes, numa releitura da obra, no caso de Vertov, a câmera geralmente é estática, e os objetos de cena se movimentam.

unesp

2.3. CINEMA PARADISO – Giuseppe Tornatore

A poesia e o encantamento das paisagens neste filme é sublime.

Entretanto o que destaco é a montagem das imagens dos beijos que o protagonista recebe no final da história, quando volta à sua cidade por ocasião da morte do seu amigo, que lhe ensinara o ofício de projetar os rolos de filme no cinema. A escolha das imagens dos beijos é como minha escolha das imagens das obras. E não posso negar a pretensão de que meu filme tenha esse toque de poesia visual e que da mesma forma toque as pessoas. A montagem é a etapa mais fascinante da realização de um filme, já que nesse momento o artista seleciona as imagens uma a uma, formando as partes do filme. Essa ordem escolhida reflete muito da visão que tem o artista. É fato que as mesmas imagens podem ser montadas por pessoas diferentes e ter conceitos completamente opostos, já que a visão de montagem é ímpar e depende muito da conduta narrativa do montador.

unesp

2.4. JANELA DA ALMA – João Jardim

Nesse documentário, são captados depoimentos de várias personalidades que têm deficiência visual. Reflete muito o livro de José Saramago: "Ensaio sobre a cegueira", onde a falta de visão não significa apenas a deficiência física, mas o preconceito visual das coisas que nos negamos a experimentar, por fugir dos padrões estabelecidos por nossa cultura.

No meu filme, quando faço a transição em fade para o branco entre a entrevista do professor Spinelli e a animação do mapa, insinuo o mesmo tema de Saramago, a cegueira branca. Como se a cegueira fosse o excesso e não a falta de visão, numa metáfora entre o preto que é a ausência de cor, e o branco que é a composição de todas as cores.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Outro aspecto que me chama a atenção no documentário é o depoimento de Win Wenders. Ele diz que o uso dos óculos acabou se tornando uma visão num plano diferenciado. Que vê o mundo por esse recorte, da armação dos seus óculos e que quando está sem óculos ele perde a referência visual, pois deixa de ter seu próprio enquadramento.

É incrível a utilização de uma deficiência para este recorte que Wenders propõe.

unesp

3. UM POUCO DE ARTE PÚBLICA

A arte contribui para a evolução da humanidade. A arte sempre foi pública.

A burguesia pensou a arte como bem imóvel presente na arquitetura, nas catedrais, exposta à comunidade.

No período gótico, a arte deixou de ser vista como bem imóvel, provocando uma ruptura que fez com que diminuísse a questão da comunidade.

O artista, tal qual o cientista, cria para a humanidade. O ponto de partida é sempre o local onde se faz arte, para depois abrir ao público. Vai do particular à comunidade. O que mais importa é a essência. O implícito é fundamental para a arte, pois o explícito é exagero decifrável. Enquanto suscitar a fantasia, a arte permanece viva.

unesp

Obras de arte pública são referenciais que identificam a própria cidade. Sua principal característica é a elaboração mental do local onde a obra deverá ser instalada, sem competir com a natureza, respeitando a paisagem sem agredir a população.

O verdadeiro artista domina a técnica e utiliza-se da emoção, que é diferente da expressão artística. É fundamental para a arte que o artista pense a arte. O Corcovado, no Rio de Janeiro, é lindo principalmente por que é bem localizado. É exemplo de obra bem planejada, especial na sua conversa com aquele espaço.

Este planejamento que estuda o local onde a obra deverá ser inserida é o estudo do espaço útil é chamado "site specifc", não apenas pela geograficidade, mas pela história contida no local da instalação.

Quando a obra é pensada como "site specific", mas é desrespeitada com o passar do tempo, quando a obra é deslocada do local para o qual foi pensada, é considerada "plop art", pois é jogada no espaço arbitrariamente, perdendo o valor simbólico.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Outro efeito que se pode notar nas obras de arte pública é a mitificação que a população daquele local submete a obra. Em alguns casos as pessoas chegam a acreditar que a obra pode fazer milagres, para tanto, rezam, oferecem flores e acendem velas aos pés das obras num processo de sacralização.

A arte pública, portanto, é permanente ou transitória, na medida em que o pensamento sobre a obra pode decidir que ela seja temporal, ou efêmera.

O artista mergulha na própria obra e disponibiliza democraticamente ao público.

Mesmo que a obra seja um "happening", como a chuva de prata que ocorreu em comemoração aos 400 anos de São Paulo, a arte ficará na memória das pessoas, provocando a sensibilidade, ou mesmo sendo política, na medida em que envolve o artista e o público a quem a obra é exposta.

Analisando ainda a frase de Kant, podemos pensar que o belo é difícil, por que a obra de arte verdadeira é deglutida aos poucos. As pessoas devem se sensibilizar lentamente no exercício de contemplação da obra. O ato

unesp

criador é que diferencia o artista. O estético é maior que o esteta, o foco deve estar voltado à criação e não às características pessoais do criador.

Nesse turbilhão de informações sobre arte pública, mergulhei meu primeiro projeto. Descobri na Avenida Paulista meu referencial imagético, para captação, experimentação e edição de material, alterando o pano de fundo de meu projeto inicial, e transportando para a avenida e suas obras as referências das artes audiovisuais. É quando nasce o projeto "A Paulista na Paulista":

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

3.1. PROJETO : A PAULISTA NA PAULISTA - maio 2003.

Projeto de vídeo instalação para os painéis eletrônicos da Avenida Paulista, como trabalho para a disciplina de ARTE PÚBLICA NO BRASIL, do professor do programa de pós-graduação da UNESP, João J. Spinelli.

ABERTURA (2")

Tela em azul, entra lettering em branco em cortina da direita para a esquerda: A Paulista.

Enquanto ocorre o movimento anterior, uma letra "n" vem de outro lugar até encontrar o lettering e formar: Na Paulista.

Segue roteiro de cada obra

unesp

ENCERRAMENTO (2")

Apenas assinatura na tela em branco com lettering azul em fade in :

VEJA

de outro lugar surge:

RE

Formando a palavra:

REVEJA

Fade out para o black.

A PAULISTA NA PAULISTA – *roteiro das obras.*

Roteiro de obra 1

DISCO DEL SOLE - DE POMODORO - NO SUDAMERIS

Câmera fixa na diagonal, posicionada na extrema parte interna do banco, enquanto a obra é movimentada.

Roteiro de obra 2 e 3

MURAIS DO HOSPITAL SANTA CATARINA

Gravar quadro a quadro das obras murais para efeito de edição.

Distinguindo a história da medicina do Projeto Mãe.

Roteiro de obra 4

ESCULTURA EM FRENTE AO ITAÚ CULTURAL

Pan do chão à instalação da fachada do Itaú cultural, percorrendo a obra metálica na calçada do prédio.

Roteiro de obra 5

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

Câmera no tripé no centro do vão do MASP faz pan horizontal de 360° mostrando as colunas.

Roteiro de obra 6

PRAÇA DOS ARCOS

Fazer com a câmera o movimento dos arcos em close.

Roteiro de obra 7

TÚNEL DE ACESSO PELA DR. ARNALDO

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Gravar o mural da lateral do túnel e a vista em ângulo inferior da visão da Paulista pelos buracos, para fusão de imagens em edição.

Este primeiro projeto, sofreu alterações consideráveis, e duas obras foram descartadas. Um dos murais do Hospital Santa Catarina pela dificuldade de captação em vídeo devido aos reflexos nos vidros de proteção e o Disco Del Sole de Pomodoro, que está no hall de entrada de um edifício bancário, na esquina da Alameda Campinas.

. Havia tomado o cuidado de fotografar sem a interferência visual dos transeuntes. Para isso dei um recorte especial a cada obra, direcionando o olhar dos receptores desta releitura que havia feito. Em algumas das fotos a obra deixara de ser ela mesma, pára ser parte de si, deixando que saltasse justamente o ângulo que eu escolhera, e de certa forma perdendo a referência inicial. É o caso do Caixeiro, que parece ter muito mais que seus 1,60m.

unesp

O resultado desta primeira catalogação foi bastante satisfatório. Quando levei as fotos para a aula, meus colegas compartilharam das minhas sensações e de meus questionamentos. Algumas vezes se surpreenderam com os recortes que eu fizera de algumas obras e com o direcionamento que eu havia proposto. Esta experiência me estimulou num crescente fora do controle. Parti então para uma pesquisa mais aprofundada, sempre com a generosa contribuição do professor Spinelli que me indicava o caminho para o levantamento das informações das obras dispostas na avenida.

Procurei fazer um trabalho uniforme das obras que havia levantado, quebrado apenas pela falta de referência de algumas delas que se deixaram revelar posteriormente, como a obra de Yutaka Toyota que descobri em janeiro, no site de Lílian, Amaral autora da obra Caminho, instalada no final da avenida. Foi uma satisfação saber que os dois totens são Espaço e Vibração. Exatamente o sentido desta pesquisa. A vibração visual do espaço da Avenida Paulista. Sinto essa vibração quase como uma cumplicidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

A avenida ainda exprime muitos os aspectos das obras que levantam reflexão. Procurei selecionar algumas delas para esta dissertação, que denotasse justamente minhas percepções junto a algumas das obras da avenida.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

O Homem Aramado é uma obra da qual se desconhece o autor e ano de instalação. É uma obra sem memória e sem respeito, já que foi gradeada pelo banco que a detém, impedindo a visão em 360 º.





O Fauno e a Aretuza são geralmente desconhecidos por estarem instalados no Parque Trianon.





cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

A Cariátide mantida como pilar durante as reformas que sofreu o Prédio, tem se escondido por trás de tapumes e cartazes.



O A obra Quatro Ventos só pode ser vista na transversal ou a pé da calçada, pois a entrada do metro Trianon impede a visão frontal.



O vão livre do Masp guarda a proposta de Assis Chateaubriand de preservação da vista do Vale do Anhangabaú, hoje desrespeitado pelas barracas de pseudo-antiguidades.



Este painel foi criado para que fosse preservada a privacidade das janelas do hospital, que com o alargamento da avenida, acabaram ficando na calçada.



A fusão da Capela de 1920 com o novo Prédio cheio de vidro mostra a possibilidade de integração de materiais arquitetônicos.



Na escultura do Anhanguera, os detalhes do pedestal sofrem constantemente a depredação de transeuntes, seja na mutiliação dos braços e cabeças do detalhe, seja na pixação.



Este painel é resultado de um concurso proposto para vários artistas expressarem o tema Maternidade. O vidro brindado dificulta a captação em foto ou vídeo. Essas imagens foram feitas no pôr do sol com o mínimo de luz, ainda assim, o reflexo inviabilizou a imagem de uma das obras.











unesp

O painel de Clóvis Graciano recebe inteferência do gradil e de objetos deixados durante a reforma do prédio.



4. LEITURA TÉCNICA

No processo de edição de imagens é que encontro com a verdadeira experimentação. Onde posso manipular as informações visuais que fui colhendo durante a pesquisa. Nesse momento é que o olhar ganha uma lente de construção do argumento visual e que trabalha as possibilidades de expressão desta releitura a que me proponho. Fiz muitos testes durante a edição das imagens, no equipamento das Faculdades Oswaldo Cruz, um G4 da Machintosh, com o programa "Final Cut". Dentre os efeitos que experimentei, alguns deles se mostraram compactuar de forma bastante interessante com meu trabalho e com as obras de arte.

unesp

4.1. Fusão

A fusão é um efeito que se dá pela sobreposição de duas ou mais imagens diferentes. Normalmente é usada em pequenos pedaços do filme, e principalmente na transição entre uma imagem e outra, quando suaviza o corte seco ao passo que a primeira imagem se funde ao início da segunda imagem.

No filme, deixo a fusão em tempo integral em algumas cenas, causando uma certa confusão, mas ao mesmo tempo permitindo que se vejam mais informações num curto espaço de tempo. Como exemplo nesse projeto, posso citar o Índio Pescador gravado em dois movimentos de câmera correspondentes, um horário e outro anti-horário, ou na Casa das Rosas, onde duplico a grade da sua fachada num desabafo à repressão em não poder entrar para fazer as imagens, e ainda os Painéis de Marco Ulgheri, que no efeito de fusão podem ser mostrados mais itens do que na gravação normal.

unesp

4.2. Solarização

A solarização é um efeito de luz. Como se o sol aumentasse os raios que incidem sobre a obra iluminando ainda mais as imagens, e por vezes estourando as cores. Este efeito faz com que as cores pareçam outras, e que as imagens ganhem uma outra leitura, mais poética, de desenho. Gostei muito de trabalhar com esse efeito. Em casos como o da Igreja de São Luiz, o efeito parece ser uma pintura de Basquiat.

Na Homenagem à Thomas Edson, parece que o sol fica explodindo do outro lado da lâmpada vazada, pela intensidade de luz que ganha o efeito em contraste com seu próprio criador. "Solarizei" ainda o Fauno, e o Homem Aramado. Todos eles parecem mesmo uma releitura da poética visual quase um novo quadro, que proponho com este estudo de efeitos visuais em ilha.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

4.3. Inversão de cores

Esse efeito propõe uma visão completamente diferenciada, já que altera as cores para as cores complementares. O efeito faz com que as peças em tom escuro, esculpidas em granito ou metal, pareçam obras de mármore, branquíssimo.

Gostei muito deste efeito na obra de Amílcar de Castro, que fica num céu de um azul diferenciado, ou ainda do vídeo da Homenagem à Thomas Edson, que parece estar no céu cor de rosa, com o sol negro, e o grafite alaranjado, quando na verdade as cores são azul, branco e azul de novo, respectivamente.

A inversão de cores pode ser um efeito interessante para vinhetas de arte. É como se usássemos o negativo da obra, literalmente. A inversão das cores suscita sem dúvida uma gama de novas leituras, que interferem, como já havia dito, no material da própria obra.

unesp

4.4. Close-up

Este é um efeito que provém da captação. Quando usamos planos de câmera bem fechados para que se ressalte algo especial da obra, uma particularidade. Ainda ajuda na aproximação da imagem que está sendo captada, muitas vezes quando a proximidade física não é possível, o ajuste das lentes da câmera pode causar a sensação de afastamento ou proximidade em movimentos de zoom.

Um exemplo para esse recorte que privilegia a imagem é o close do rosto da obra de Leopoldo e Silva, o Índio Pescador. Sua expressão austera é diferente da sensação que temos quando olhamos a escultura enquanto passamos pela avenida.

Outros exemplos importantes são os "passeios" da câmera em close pelas obras: Aretuza e Caminho. Ambas com beleza singular, ao serem mostradas em plano fechado assumem uma grandiosidade poética.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

4.5. Story-boards

Seguem, os story-boards dos vídeos de 10 segundos das principais obras. Neste trabalho selecionei 1 frame por segundo.

No canto inferior direito ainda estão registradas as dimensões das obras escolhidas.

unesp

Storyboard: amilcar.psq



1 amilcar10.tif
00;00;05;00

O interessante da construção dessa obra



2 amilcar02b.tif
00;00;05;00

é a possibilidade de se passar por dentro dela



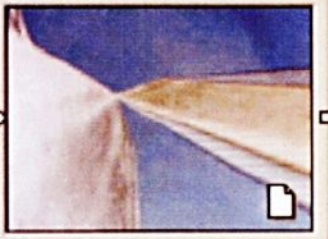
3 amilcar03.tif
00;00;05;00

Nesse vídeo quis trabalhar com o efeito SOLARIZE



4 amilcar04.tif
00;00;05;00

que ilumina a figura até a cor estourar



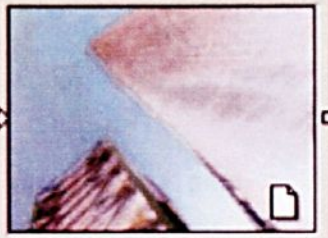
5 amilcar05.tif
00;00;05;00

fazendo com que a obra pareça não ser de metal



6 amilcar06.tif
00;00;05;00

Outro ponto é a captação em ângulo inferior



7 amilcar07.tif
00;00;05;00

A obra parece ter muito mais que 10 metros



8 amilcar08.tif
00;00;05;00

chegando a se confundir com o tamanho dos prédios



9 amilcar09.tif
00;00;05;00

e assumindo uma postura grandiosa



10 amilcar01.tif
00;00;05;00

que finaliza solta no céu.

Dimensões da obra:
10,0m X 1,0m X 1,0m

10 items

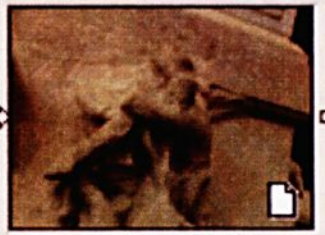
Total time: 00;00;50;00

Storyboard: anhanguera.psq



1 anhanguera10.tif
00;00;05;00

No vídeo o efeito de zoom faz com que se perceba



2 Anhanguera02.tif
00;00;05;00

2. o trabalho delicado do artista na composição do pedestal da obra



3 anhanguera03.tif
00;00;05;00

que retrata as batalhas e conquistas dos bandeirantes



4 anhanguera04.tif
00;00;05;00

infelizmente alguns detalhes foram quebrados por vândalos.



5 anhanguera05.tif
00;00;05;00

Aqui começa uma fusão para um movimento de panorâmica



6 anhanguera06.tif
00;00;05;00

que inicia em ângulo inferior, nas botas do bandeirante



7 anhanguera07.tif
00;00;05;00

e segue no sentido vertical



8 anhanguera08.tif
00;00;05;00

fazendo com que a obra pareça maior



9 anhanguera09.tif
00;00;05;00

como se o bandeirante



10 Anhanguera01.tif
00;00;05;00

viesse me direção ao olhar da câmera

Dimensões da obra:
Escultura em em mármore
3,22m X 1,41m X 1,08m
Pedestal em rocha calcária
1,06m X 2,25m X 2,25m

10 items

Total time: 00;00;50;00

1:01

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Storyboard: aretuza.psq



1 aretusa01.tif
00;00;05;00

O vídeo começa com um close up no rosto da escultura



2 aretusa02.tif
00;00;05;00

apoiado no braço cobrado na altura da cabeça.



3 aretusa03.tif
00;00;05;00

Segue um movimento de panorâmica vertical



4 aretusa04.tif
00;00;05;00

que mostra no caminho seios



5 aretusa05.tif
00;00;05;00

estômago



6 aretusa06.tif
00;00;05;00

e barriga num efeito semelhante ao sépia mas com cor azul.



7 aretusa07.tif
00;00;05;00

Corte para o mesmo movimento de panorâmica,



8 aretusa08.tif
00;00;05;00

agora de costas revelando a delicadeza da obra



9 aretusa09.tif
00;00;05;00

e a perfeição do trabalho da mão nas costas



10 aretusa10.tif
00;00;05;00

e o pequeno movimento entre as pernas da escultura.

Dimensões da obra:
Escultura em em mármore
1,77m X 0,56m X 0,52m
Pedestal revestido em granito
0,67m X 0,62m X 0,58m

10 items

Total time: 00;00;50;00

1:01

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Storyboard: caixeiro.psq



1 caixeiro10.tif
00;00;05;00

O vídeo começa com trabalhadores do outro lado da avenida



2 caixeiro02.tif
00;00;05;00

um ZOOM OUT entre as pernas do caixeiro



3 caixeiro03.tif
00;00;05;00

vai revelando a obra devagar



4 caixeiro04.tif
00;00;05;00

até entrar em plano geral.



5 caixeiro05.tif
00;00;05;00

Movimento de travelling até o caixeiro ficar no contra luz



6 caixeiro06.tif
00;00;05;00

com o fundo neutro e ângulo inferior a escultura fica imponente



7 caixeiro07.tif
00;00;05;00

a câmera vai fechando na cabeça com chapéu.



8 caixeiro08.tif
00;00;05;00

Corte para o movimento de zoom out a partir do dorso da obra



9 caixeiro09.tif
00;00;05;00

plano mais aberto



10 caixeiro01.tif
00;00;05;00

e plano geral antes do fade final

Dimensões da obra:
escultura em bronze
2,36m X 0,82m X 0,57m
Pedestal revestido de placas de granito preto
0,86m X 1,10m X 0,85m

10 items

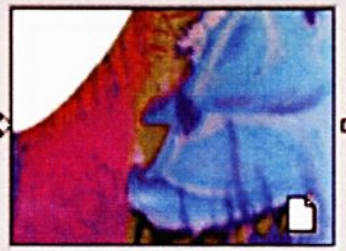
Total time: 00;00;50;00

Storyboard: edson.psq



1 edson01.tif
00;00;05;00

Detalhe do grafite no concreto da obra



2 edson02.tif
00;00;05;00

a câmera em ângulo obliquo vai mostrando



3 edson03.tif
00;00;05;00

a lâmpada vazada no contra luz.



4 edson04.tif
00;00;05;00

As imagens sofreram efeito de inversão de cores.



5 edson05.tif
00;00;05;00

A torre ao fundo pela lâmpada-janela



6 edson06.tif
00;00;05;00

Aos poucos o brilho do sol



7 edson07.tif
00;00;05;00

vai entrando no campo



8 edson08.tif
00;00;05;00

como se fosse a energia da obra



9 edson09.tif
00;00;05;00

A imagem estoura quanto mais luz



10 edson10.tif
00;00;05;00

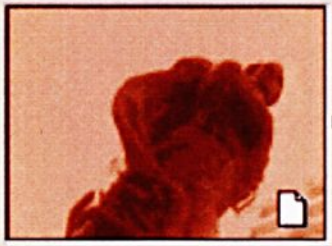
penetra no campo de visão.

Dimensões da obra:
Painel de concreto e neón
4,22m X 6,46m X 2,01m

10 items

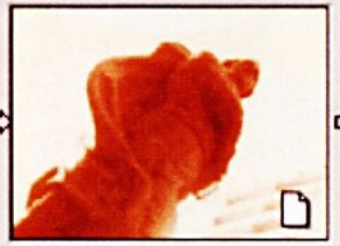
Total time: 00;00;50;00

Storyboard: francisco.psq



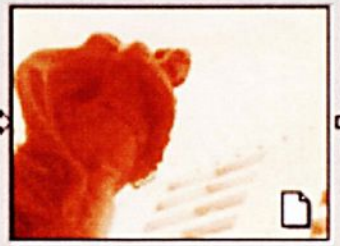
1 francisco01.tif
00;00;05;00

Neste vídeo o efeito sépia



2 francisco02.tif
00;00;05;00

provoca a sensação de antigo



3 francisco03.tif
00;00;05;00

reforçando o caráter de homenagem.



4 francisco04.tif
00;00;05;00

A fusão dos dois movimentos



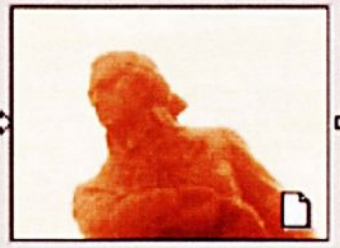
5 francisco05.tif
00;00;05;00

duplica o personagem por alguns segundos.



6 francisco06.tif
00;00;05;00

Também em plano inferior



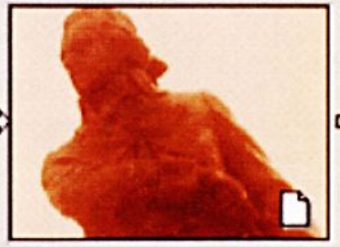
7 francisco07.tif
00;00;05;00

a escultura ganha movimento



8 francisco08.tif
00;00;05;00

e se aproxima



9 francisco09.tif
00;00;05;00

lentamente



10 francisco10.tif
00;00;05;00

até a expressão do revolucionário escurecer.

Dimensões da obra:
Escultura em bronze
3,04m X 1,16m X 1,30m
Pedestal revestido de placas de granito
2,10m X 1,04m X 1,04m

10 items

Total time: 00;00;50;00

Storyboard: indio.psq



1 indio01.tif
00;00;05;00

A lança de um índio nas costas do outro.



2 indio02.tif
00;00;05;00

O vídeo já inicia com uma sobreposição de imagens



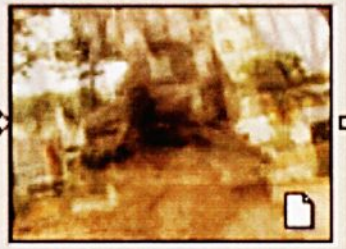
3 indio03.tif
00;00;05;00

e percorre em movimento de travelling



4 indio04.tif
00;00;05;00

como uma fusão entre a cidade e a floresta.



5 indio05.tif
00;00;05;00

A segunda imagem



6 indio06.tif
00;00;05;00

vai dando espaço à definição da primeira



7 indio07.tif
00;00;05;00

sendo que ambas têm o mesmo índio



8 indio08.tif
00;00;05;00

uma em direção a esquerda, e outra em direção à direita.



9 indio09.tif
00;00;05;00

O índio ganha mais nitidez



10 indio10.tif
00;00;05;00

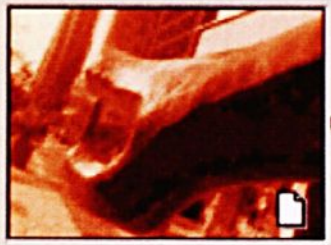
e o vídeo encerra com o rosto, o punho e a lança.

Dimensões da obra:
Escultura em bronze
1,87m X 1,20m X 1,10m
Base em pedra bruta
0.90m X 1,80m X 1,70m

10 items

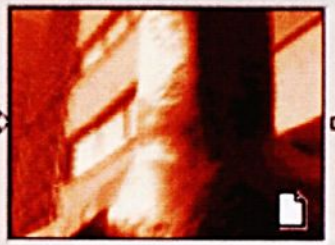
Total time: 00;00;50;00

Storyboard: passaro.psq



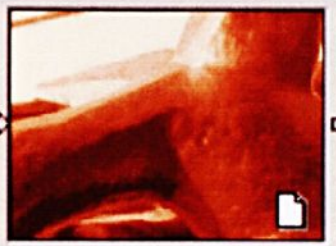
1 passaro10.tif
00;00;05;00

Detalhe da chave ou bico do pássaro em sépia



2 passaro02.tif
00;00;05;00

O vídeo mantém um plano fechado



3 passaro03.tif
00;00;05;00

da obra em movimento circular



4 passaro04.tif
00;00;05;00

no seu entorno.



5 passaro05.tif
00;00;05;00

A imagem passa



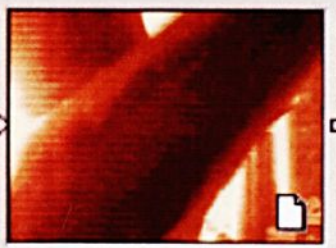
6 passaro06.tif
00;00;05;00

pelo pássaro



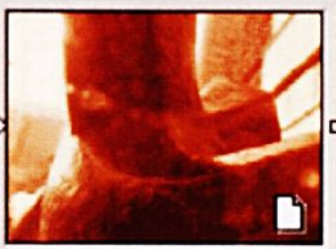
7 passaro07.tif
00;00;05;00

conhecido também



8 passaro08.tif
00;00;05;00

como "animal paulistano"



9 passaro09.tif
00;00;05;00

a cor e o movimento



10 passaro01.tif
00;00;05;00

mostram meu olhar sobre a obra.

Dimensões da obra:
Escultura em bronze
1,05m X 1,15m X 1,25m
Pedestal em concreto
0,99m X 0,66m X 0,60m

10 items

Total time: 00;00;50;00

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

Storyboard: arcos.psq



1 arcos10.tif
00;00;05;00

Os arcos da obra Caminho provocam um movimento do olhar



2 arcos02.tif
00;00;05;00

que procurei reproduzir em vídeo aproximando ainda mais



3 arcos03.tif
00;00;05;00

a obra do espectador.



4 arcos04.tif
00;00;05;00

As cores vivas que imitam o arco-íris chamam a atenção



5 arcos05.tif
00;00;05;00

e novamente os olhos percorrem as imensas ondas.



6 arcos06.tif
00;00;05;00

6. O vídeo ainda aproveita a envergadura para um passeio



7 arcos07.tif
00;00;05;00

nas vigas de alumínio extrudado



8 arcos08.tif
00;00;05;00

aproveitando a idéia de passeio videográfico



9 arcos09.tif
00;00;05;00

onde a câmera assume os olhos do espectador



10 arcos01.tif
00;00;05;00

e o conduz aos movimentos que propõe.

Dimensões da obra:
Instalação em alumínio extrudado
2,50m X 6,00m X 4,00m

10 items

Total time: 00;00;50;00

Storyboard: fauno.psq



1 fauno01.tif
00;00;05;00

A câmera vai passeando pelo parque



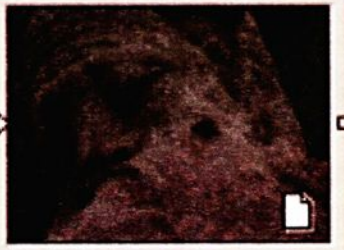
2 fauno02.tif
00;00;05;00

como se estivesse na subjetiva de um observador



3 fauno03.tif
00;00;05;00

câmera inferior no Fauno dá majestade à obra



4 fauno04.tif
00;00;05;00

Corte para detalhe do rosto da obra



5 fauno05.tif
00;00;05;00

A imagem vai abrindo



6 fauno06.tif
00;00;05;00

abrindo



7 fauno07.tif
00;00;05;00

abrindo



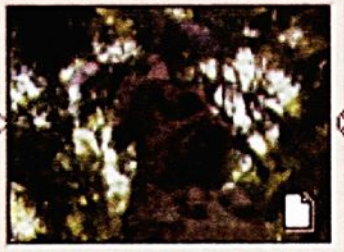
8 fauno08.tif
00;00;05;00

até voltar ao plano inicial



9 fauno09.tif
00;00;05;00

onde o protetor da floresta



10 fauno10.tif
00;00;05;00

toca sua flauta sobre uma grande pedra

Dimensões da obra:
Escultura em granito
3,40m X 1,40m X 1,45m
Pedestal revestido em granito
1,72m X 1,82m X 2,0m

10 items

Total time: 00;00;50;00

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 unesp 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27

CONCLUSÃO

Este trabalho reflete o entusiasmo envolvido na sua realização.

A construção desta obra de arte audiovisual requer um posicionamento diferenciado atentando para detalhes do olhar e propondo uma releitura das obras de arte pública, dispostas na Paulista.

Como profissional de mídia eletrônica estou em contato com captação e edição de imagens, com o diferencial de trabalhar com comerciais e programas de TV que permitem pouca experimentação artística.

Foi muito produtivo desenvolver um filme em formato digital, que agrega em sua montagem experiências de efeitos de captação e edição utilizados de forma peculiar. É na verdade mais que um filme, pois contem um referencial de imagens estáticas produzidas em câmeras mecânica e digital.

Deste referencial iconográfico parte o mapeamento da avenida, localizando as obras de arte.

unesp

Os cartazes da peça fílmica, como Trabalho Equivalente, têm em sua proposta de apresentação um "happening" que produz a sensação de estréia do filme.

Além do material estático, que uso como suporte do Trabalho Equivalente, a composição do filme parte de um trabalho de pesquisa de apresentação dos vídeos de 10 segundos.

Dos mais de 60 vídeos de 10 segundos que produzi, experimentando efeitos como fusão de imagens e inversão de cores, escolhi 26, um para cada obra, representando o cinético da captação das esculturas, painéis e tridimensionais espalhados pelos três quilômetros da Paulista. Esses vídeos podem, a partir de tratamento de letreiro, ser utilizados com material diferenciado nos painéis eletrônicos da própria avenida.

Há ainda o projeto do site que pretendo desenvolver com cuidado para que o mapeamento da avenida esteja disponível também aos pesquisadores da web.

unesp

Este mapeamento virtual deve conter todas as informações referentes a cada obra, com o detalhamento da proposta que apresentei em "after effects" no final do filme, com a diferença de possibilitar a navegação do internauta permitindo a escolha da ordem de apresentação dos conteúdos.

Na exposição "Game o quê?" realizada pelo Instituto Cultural Itaú, havia uma proposta interessante de navegação pela Avenida Paulista de 1919. O trabalho me impressionou e me fez pensar nesta navegação mostrando a Paulista nos dias de hoje.

Enfim, este trabalho não se esgota em si. É um constante desenvolvimento artístico com várias propostas, inclusive de fomentar em meus alunos da graduação a necessidade e a possibilidade de estudo e catalogação videográfica de obras de arte pública.

unesp

5. BIBLIOGRAFIA

5.1. LIVROS:

ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual – uma psicologia da visão criadora - nova versão.* São Paulo: Pioneira/ Thompson Learning, 2002.

BARTHES, Roland. "A mensagem fotográfica". In: *O Óbvio e o Obtuso.* Lisboa: Ed.70, 1984, pp.13-25.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984.

BELLANTONI, Jeff. *Type inmotion: innovations in digital graphics.* London: Thames & Hudson, 2000.

BEAUD, Michel. *A arte da pesquisa.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BECEYRO, Raul. *Ensayos sobre Fotografia*. Barcelona: Arte y Libros, C.M., 1980.

BOSI, Alfredo. "Fenomenologia do Olhar". NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

BOOTH,W.C.et.al. *A Arte da Pesquisa*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

DANIEL FILHO. *O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DONDIS, Donis A . *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1998.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa* Preta - *Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*.São Paulo: Hucitec, 1985.

GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GREENBERG, Clement. *Arte e Cultura*. São Paulo: Ática, 1996.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LEITE, Adriana. *Figurino: uma experiência na televisão*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LUNA, Sérgio. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1997.

LYOTARD, Jean François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

PRING, Roger. *Www.tipografía: 300 diseños tipográficos para sitios web*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.

RODRIGUES, Chris. *O cinema e a produção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação & Pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores. 2001

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós – moderna*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1989.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SPINELLI, João (org.). *Arte Pública – apontamentos e reflexão*. São Paulo: UNESP/Instituto de Artes,1999.

TRIVINOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.



ZAMBONI, Sílvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e a ciência*. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

5.2. TRABALHOS ACADÊMICOS E DISSERTAÇÕES:

DE CAMILLO, Olair Falcirolli, ***Avenida Paulista: um projeto de paisagem***, São Paulo, FAU, 2003.(dissertação de mestrado)

MALHEIROS, Ubiraélcio da Silva, ***Arte pública e representação: os tridimensionais da Avenida Paulista***, São Paulo, UNESP, 1999. (trabalho de conclusão de disciplina).

NOGUEIRA, Maria de Lourdes, **Um arquiteto investigando o acesso público aos espaços urbanos da Avenida Paulista**, São Paulo, FAU, 1998. (dissertação de mestrado)

INSTITUTO DE ARTES · UNESP
BIBLIOTECA

5.3. SITES:

http://www.avenidapaulista.com.br

www.estadão.com.br/450/historia4.htm

www.virtual.epm.br/uati

www.sampa.art.br

www.dpto.com.br/museuvirtual/conteudo

www.aprenda450anos.com.br

www.quarteiraopaulista.com.br

www.itaucultural.org.br/.../enciclopedia

www.fotosedm.hpg.ig.com.br

www.mundocor.com.br/notícias/museu_aberto.htm

Instituto
de Artes
UNESP

São Paulo - 2005

